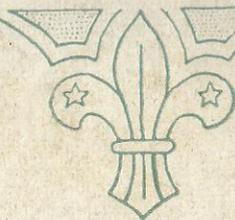


BIBLIOTECA DA PATRULHA  
L. B. FORTES

# PROVAS DE CLASSES



◉(B) 2ª CLASSE◉

**Evite  
infecção**

com êste curativo  
rápido



★ Contém  
poderoso  
antisséptico



ATADURA ADESIVA  
**BAND-AID**  
Johnson & Johnson

À VENDA EM TÔDAS AS BOAS FARMÁCIAS

BIBLIOTECA DA PATRULHA

N.º 2

PRIMEIROS PASSOS EM ESCOTISMO  
**PROVAS DE CLASSES**

b) 2.<sup>a</sup> CLASSE

Por L. B. FORTES

do Conselho Nacional da União dos Escoteiros do Brasil,  
do Conselho Interamericano de Escotismo,  
e do 1.º Grupo Scout de Gilwell Park



(Adotado pela União dos Escoteiros do Brasil)  
DIREITOS RESERVADOS

EDIÇÃO DA EDITORA BRAND, LIMITADA  
Av. Erasmo Braga, 299 - 7.º and. - S/701-B - Tel.: 52-5133

Rio de Janeiro

1954

## OUTROS TRABALHOS DO AUTOR

- Provas de Classes — Noviço — (2.<sup>a</sup> Edição)
- Que é Escotismo! (Tradução)
- Bases Fundamentais do Método Escoteiro (Tradução)
- Análise do Método Escoteiro (Tradução)
- Guia do Chefe Escoteiro (Baden-Powell) (Tradução)
- O Adestramento de Chefes (Tradução)
- Como Iniciar uma Tropa Escoteira (Tradução)



L. B. FORTES

## APRESENTAÇÃO

O sucesso e grande aceitação de "PROVAS DE CLASSES – NOVIÇO", com sua segunda edição já quase esgotada, levaram-nos a preparar e editar este segundo volume da Biblioteca da Patrulha.



Cabem aqui as mesmas observações já feitas no volume anterior, isto é: nada de novo estamos criando pois em Escotismo pouco ou quase nada resta a inventar; enquadrando-nos na regulamentação oficial brasileira, procuramos nos manter na orientação traçada pelo fundador — Lord Baden-Powell of Gilwell em seu SCOUTING FOR BOYS, eterna fonte inspiradora para todos

nós, seus seguidores. Simultaneamente aproveitamos a experiência e as normas dos Folhetos Ingêses Gilcraft's Second Class Book, First Steps in Scouting e muitos outros.

Está claro que este livrinho, como o anterior, não pretende substituir a instrução prática ministrada por um Chefe, um Monitor ou outro Escoteiro experimentado. Sua finalidade é constituir um manual ou memento daquilo que um Escoteiro deve conhecer, saber fazer e praticar para obter a proficiência (e a Insignia) de 2.<sup>a</sup> Classe. Convém salientar que os assuntos abordados neste livrinho constituem, como disse Baden-Powell, "as noções elementares de muitos assuntos úteis". Com ela, Você poderá realizar as provas. Mas não se esqueça que deverá, não só continuar sempre praticando-as, como também, procurar melhorar seus conhecimentos e aperfeiçoar sua técnica. Só assim poderá tornar-se um bom Escoteiro. Muito propositadamente eliminamos do conjunto as provas especializadas de mar e ar. Elas iriam alongar o texto e encarecer a obra, sem grandes resultados práticos, dado o exíguo número de Escoteiros dessas modalidades.

DADOS PESSOAIS

(A serem preenchidos pelo proprietário)

Nome .....  
 Endereço .....  
 Patrulha ..... Tropa .....  
 Distrito ..... Região ..... N.º de Registro .....

Provas	Data	Tomadas por
1 — Primeiros Socorros .....	.....	.....
2 — Higiene .....	.....	.....
3 — Ataduras .....	.....	.....
4 — Sinalização .....	.....	.....
a) Morse ou .....	.....	.....
b) Semafórica .....	.....	.....
5 — Observação .....	.....	.....
a) Pista ou .....	.....	.....
b) Kim .....	.....	.....
6 — Passo Escoteiro .....	.....	.....
7 — Fogueira .....	.....	.....
8 — Cozinha .....	.....	.....
9 — Economia .....	.....	.....
10 — Árvores .....	.....	.....
11 — Rosa dos Ventos .....	.....	.....
12 — Orientação .....	.....	.....
13 — Regras de Segurança .....	.....	.....
14 — Estágio .....	.....	.....
a) 1.ª Atividade em .....	.....	.....
b) 2.ª Atividade em .....	.....	.....
c) 3.ª Atividade em .....	.....	.....
d) Completei 3 meses em .....	.....	.....

Conferido em.....

Recebeu a Insígnia em.....

a).....

                    Chefe do Grupo

*Uma palavra especial de agradecimento é devida aos Drs. Leonam de Azeredo Pena e Dante Costa pelos excelentes conselhos e sábia orientação no que diz respeito à Botânica e Nutrologia respectivamente. Igualmente, a todos aquêles que de qualquer modo, direta ou indiretamente, colaboraram para que este livrinho, afinal, fôsse publicado.*

*Le Boyer*

## ENDERÊÇOS ÚTEIS EM CASO DE EMERGÊNCIA

	Nome	Enderêço	Telefone
Médicos mais próximos .....	1	.....	.....
.....	2	.....	.....
.....	3	.....	.....
Hospital .....		.....	.....
Farmácias .....	1	.....	.....
.....	2	.....	.....
.....	3	.....	.....
Distrito Policial ...		.....	.....
Caixa de Alarme de Incêndio .....		.....	.....
Ender. do Chefe ...		.....	.....
Endereço do Monitor .....	1	.....	.....
Ender. dos demais nitor .....	2	.....	.....
Ender. dos demais membros da Patrulha .....	3	.....	.....
.....	4	.....	.....
.....	5	.....	.....
.....	6	.....	.....
.....	7	.....	.....
.....	8	.....	.....
Telefone Público mais próximo ...		.....	.....
Assistência (Socorro Urgente) .....		.....	.....
Polícia (Socorro Urgente) .....		.....	.....
Bombeiros (Chamada de Incêndio) ..		.....	.....

## CAPITULO I

### PRIMEIROS PASSOS

#### A) INTRODUÇÃO

##### Caro Irmão-Escoteiro



Você deve ter terminado há poucos dias suas Provas de Novício e realizado sua Promessa. Você é agora, finalmente, um dos nossos, isto é, um dos membros da Grande Fraternidade Mundial Escoteira. Quero crer que meu livrinho anterior, de algum modo, tenha lhe ajudado a vencer aquela etapa. Como eu disse na última página do mesmo, ao nos despedirmos, é chegando o momento de reajustar sua mochila, retomar o bastão e "meter o pé na estrada", realizando novos progressos, vencendo novos obstáculos, aprendendo novas coisas, praticando o Grande Jogo. Novos divertimentos, novas aventuras, novas vitórias, nos esperam. Entretanto, antes de partirmos, verifique Você mesmo sua bagagem, isto é, sua capacidade e conhecimentos anteriores.

As perguntas que se seguem são tôdas relativas às Provas de Novício. Escreva suas respostas em uma fôlha de papel e depois vá ver as soluções no rodapé da página 80.

Conte um ponto para cada resposta acertada e depois veja sua classificação de acôrdo com a seguinte escala:

Até 6 — MAU

Mais de 6 — REGULAR

Mais de 12 — BOM



Isto é para lembrar-lhe que um Escoteiro não esquece facilmente as coisas que aprendeu e deve estar continuamente recordando, praticando e aperfeiçoando a si próprio.

Um Escoteiro de 2.<sup>a</sup> Classe não pode ignorar ou esquecer os conhecimentos de um Noviço, e a melhor maneira de V. se manter em boa forma é ensinar as provas a tantos Aspirantes quantos puder. Se V. não continuar praticando o que aprendeu como Aspirante não estará realmente apto nem capacitado para enfrentar uma emergência, falhando assim ao nosso próprio lema "Sempre Alerta". Esteja, pois, permanentemente em condições de executar ou ensinar o que aprendeu! Esteja verdadeiramente "Alerta!" não só para se arranjar sozinho, quando ficar em dificuldades, mas também, e principalmente, para poder ajudar aos outros quando fôr necessário!

## B) PERGUNTAS SÓBRE PROVAS DE NOVIÇO

Procure responder claramente e em poucas palavras às seguintes:

- 1) — O que é que caracteriza o Movimento, fazendo de V. um Escoteiro?
- 2) — Que relação existe entre a primeira e a segunda parte da Promessa e o artigo 3 da Lei?
- 3) — Qual a côr das letras da legenda ORDEM e PROGRESSO na Bandeira Nacional?
- 4) — Quantas estrelas tem o Escorpião, na Bandeira?
- 5) — O vértice do Triângulo Austral, na Bandeira, está apontando para baixo ou para cima?

8) — Quando V. encontrar um Lobinho, quem deve fazer a Saudação em primeiro lugar?

7, 8, 9, 10 e 11) — Aponte 5 erros no uso do uniforme na figura ao lado. (Conte um ponto para cada um)

12) — Qual é a principal característica ou vantagem do Laís de Guia?

13) — Qual a sua principal finalidade ou emprêgo?

14) — Quando é que V. usa o Nó do Pescador em vez de usar o Nó Direito?

15) — Quais são as duas principais aplicações do Catão?

16) — O que significa a figura ao lado?

17) — Quem foi o autor do Hino Nacional?

18) — Porque se deve dormir com as janelas abertas?

19) — Qual a primeira coisa a fazer antes de iniciar um curativo?

20) — Qual a diferença entre uma queimadura de 1.<sup>o</sup> e uma de 2.<sup>o</sup> grau?



Veja as respostas corretas na página 80.

## C) AS PROVAS DE 2.<sup>a</sup> CLASSE

De acôrdo com o Regulamento Técnico, as provas que V. deverá realizar são as seguintes:

- 1) — **Primeiros Socorros** — Demonstrar conhecimentos práticos de socorros de urgência nos casos de: entorse, insolação, queimadura de sol, picadas de insetos, argueiro nos olhos, sangue pelo nariz e bolha d'água (no pé);
- 2) — **Higiene** — Conhecer, além dos cuidados gerais para a conservação da saúde, as regras de higiene da alimentação, vestuário e habitação;
- 3) — **Atadura** — Saber aplicar o lenço escoteiro como atadura, no joelho, na cabeça e no pé;
- 4) — **Sinalização** — Conhecer o Alfabeto Morse ou Semafórico e ser capaz de transmitir e receber uma mensagem de 40 letras, sem limite de tempo, tendo no máximo 4 erros;
- 5) — **Observação** — Seguir uma pista de 800 metros em 25 minutos ou, no Jôgo do Kim, depois de ter observado 24 objetos diferentes em um minuto, provar que se recorda de 16, pelo menos;

- 6) — **Passo Escoteiro** — Percorrer 2 quilômetros em 15 minutos em passo escoteiro (40 passos andando e 40 passos correndo) com tolerância de um minuto para mais ou para menos;
- 7) — **Fogueira** — Preparar uma fogueira ao ar livre e acendê-la dispondo apenas de dois fósforos sem uso de papel ou de combustível artificial;
- 8) — **Cozinha** — Cozinhar 200 gramas de carne e duas batatas;
- 9) — **Economia** — Manter uma conta pessoal na Caixa Econômica, em estabelecimento bancário ou outra caixa de economia; demonstrar cuidado com as coisas que lhe pertencem e com o bem e propriedade alheios;
- 10) — **Árvores** — Conhecer 10 árvores diferentes;
- 11) — **Rosa dos Ventos** — Conhecer os 16 pontos principais da Rosa dos Ventos;
- 12) — **Orientação** — Saber orientar-se pela Bússola, pelo Sol, pelo Cruzeiro do Sul e por outros processos comuns;
- 13) — **Regras de Segurança** — Conhecer as regras de trânsito na cidade ou no seu município, para automóveis, ônibus, ciclistas e pedestres; Conhecer as regras de segurança e os cuidados necessários para uso de machado pequeno e da faca escoteira; mostrar como se racha lenha;
- 14) — **Estágio** — Ter pelo menos três meses de Escoteiro e haver participado pelo menos de três atividades de campo ou mar, conforme a modalidade a que pertencer.

## CAPITULO II

### PRIMEIROS SOCORROS

#### A) INTRODUÇÃO

Preparando suas Provas de Novição, V. já deu os passos iniciais em primeiros socorros. Agora V. vai avançar um pouco mais nesses conhecimentos. Tratando-se de socorros de urgência é importante fazer que V. vai apenas prestar realmente um primeiro socorro. Um Escoteiro não é um médico amador e, por mais experiência que V. tenha conseguido adquirir, nunca se esqueça que em caso de acidente, a primeira coisa a fazer é pedir a assistência de pessoas adultas e de preferência a de um médico. O verdadeiro objetivo do primeiro socorro é evitar que as coisas piorem antes da chegada de um médico para tratar do caso. Nesse sentido V. poderá fazer muito, evitando dores ao paciente e pondo-o numa posição o mais confortável possível.

Se houver dois Escoteiros, um deverá ir em busca de auxílio, enquanto o outro procurará pôr o paciente numa posição confortável.

Em ocasiões, entretanto, em que não se poderá contar com auxílio e então teremos de agir de qualquer forma. Dêste modo todo Escoteiro deve ter alguns conhecimentos de socorros de urgência, pois as medidas corretas tomadas nas ocasiões oportunas, podem muitas vezes salvar uma vida. Por outro lado, um Escoteiro deve ser capaz de cuidar por si próprio, cuidando de seu próprio corpo e sabendo tratar não só de uma simples indisposição como também de um pequeno acidente, do qual nenhum de nós está livre. Os casos mais comuns que Você pode deparar, são os seguintes:

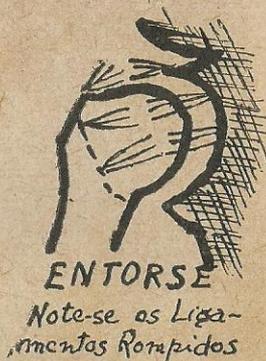
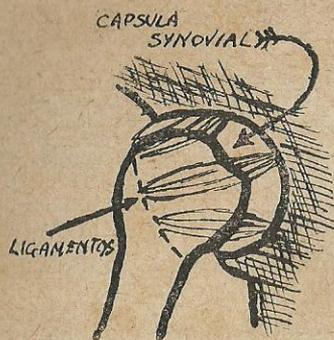
#### B) ENTORSE

Em Anatomia a junção ou ligação de dois ossos, com ou sem movimento, se chama Articulação. Uma Articulação compreende uma cavidade óssea onde se "articula" uma extremidade de outro osso. Eles se prendem ou seguram por Ligamentos e uma cápsula contendo líquido — a Sinovial — servê de intermediária e lubrificante entre os dois ossos. Pois bem, a Entorse, pode ser causada por um choque, queda ou qualquer falso movimento que provoque a torcedura ou puchão violento de uma Articulação, resultando na distensão ou rompimento dos Ligamentos da mesma. Dêste modo, as Entorses mais comuns são no ombro, cotovelo, punho, polegar, joelho e tornozelo.

Os sinais ou sintomas da Entorse são: dor (que aumenta com qualquer movimento), inchação e, (algumas vezes) o local fica arroxado. O tratamento imediato, consiste em repouso da parte afetada, e aplicação de compressas de água fria. Substitua as compressas tôdas as vezes que se aquecerem ao calor do corpo. O local nunca deve ficar amarrado, apertado ou comprimido porque isto aumenta a inchação e a dor.

Se a entorse fôr no tornozelo (o que é muito comum), corte os cordões do calçado e procure removê-lo delicadamente. Se isto causar

na dor ao paciente, mergulhe todo o conjunto na água fria (dentro de um balde, por exemplo) e procure então descalçar o pé, dentro d'água.



Repouso é a parte mais importante da cura; se fôr o caso, aplique portanto, posteriormente, uma atadura acamando o membro num chumaço de algodão ou qualquer outro envoltório macio.

**NOTA** — Não se deve confundir a Entorse (caso relativamente simples), com uma Luxação ou Fratura. Na Luxação, além de haver rompimento dos Ligamentos, um dos ossos sai da articulação. Pode-se notá-lo saliente, fora de seu lugar, comparando a articulação com a do outro lado do corpo.

Na Fratura, como o nome diz, o osso é quebrado. (Veja as figuras).



Em qualquer destes casos chame imediatamente um Médico para assistir a Fratura ou Luxação.

## III. INSOLAÇÃO

A insolação é uma enfermidade grave e perigosa que exige a presença de um Médico. Ela é geralmente causada por uma exposição direta mais ou menos prolongada, aos raios solares, especialmente em dias húmidos.

Os sintomas são: dores de cabeça acompanhadas de latejamento, tonteira, opressão e (as vezes) vômitos. A temperatura sobe e a pele fica quente e seca ao tato. O rosto do paciente fica avermelhado e congestionado, a respiração torna-se rápida e difícil; quase sempre ocorre a perda de sentidos.

O tratamento imediato, enquanto se espera o médico, consiste em abrigar a roupa do paciente, liberando especialmente o pescoço e a cintura. Trate de remover, com cuidado, a vítima para um lugar fresco e sombrio. Deite o paciente mas mantenha-lhe os ombros e a cabeça mais elevados. Refresque-lhe a cabeça com compressas de água fria e, se possível, saco de gelo ou mesmo gelo embrulhado em um pano. Se fôr possível despir o paciente, esparja água fria em abundância por todo o corpo ou esfregue-o com gelo. Não lhe dê estimulantes por via bucal (café ou bebidas alcoólicas).

## IV. QUEIMADURA DE SOL

Na temporada dos banhos de mar ou nas férias nas montanhas, durante o verão, o efeito direto da luz solar sobre a pele é realmente benéfico e dá-lhe uma tonalidade "morena" geralmente muito apreciada.

Convém entretanto saber que não são os raios fortes do sol que fazem bem, mas somente seus raios ultra-violeta, os quais provocam mudanças químicas internas que facilitam a produção de vitamina. A cor morena não é senão uma defesa orgânica contra os raios solares.

Deste modo a exposição tem que ser progressiva, pois a pele fina sujeita a um sol forte por muito tempo, em um único dia, sofre verdadeiras queimaduras e o imprudente terá os padecimentos conseqüentes.

Estes podem consistir em dor de cabeça, mau estar, irritação e até febre. O melhor tratamento consiste na prevenção, isto é, evitar que o mal aconteça. Se isso porém lhe tiver ocorrido, use uma loção para queimadura, vaselina, qualquer óleo ou pomada suave ou, ainda, solução de ácido picrico. Se surgirem bolhas não procure cortá-las ou abri-las mas proteja a pele com uma gase.

## E) PICADAS DE INSETOS

A picada de um inseto (abelha, marimbondo, formiga, etc.), pode ser muito dolorosa e causar grande inchação. O inseto geralmente ao picar, instila um ácido e, portanto, V. deve neutralizá-lo com o oposto, ou seja, um álcali. Aplique, portanto, na parte afetada um chumaço de algodão com amonea, ou solução de bicarbonato de sódio. Há insetos que deixam o ferrão e este, se possível, deve ser removido. Para isso utilize uma pinça, agulha ou lâmina de canivete, raspando o local. Não esqueça de esterilizá-los previamente. De qualquer forma, não tente extrair com a mão, pois a compressão provoca maior derramamento, dentro do ferimento, do ácido confido no ferrão.

## F) ARGUEIRO NOS OLHOS

Se um corpo estranho tiver entrado no olho, não deixe a vítima esfregá-lo. Faça-o fechá-lo lentamente e assim conservá-lo por alguns minutos deixando que as lágrimas arrastem o corpo estranho para o canto do olho e para fora. Em seguida, separe ligeiramente as pálpebras e verifique se de fato o argueiro safu. Se ainda estiver no canto do olho, procure retirá-lo com a ponta de um pedaço de gase ou lenço limpo. Se ele estiver sob a pálpebra inferior, abaixe esta bem e procure levá-lo ao canto do olho utilizando uma mecha de gase ou uma bolinha de algodão absorvente enrolada num palito e previamente humedecida. Se ela estiver debaixo da pálpebra superior puxe esta última para fora e para baixo de modo que se coloque por cima da pálpebra inferior. Soltando-a então faça-a deslizar sobre a outra, de modo que as pestanas inferiores varram a parte interna da pálpebra superior.

Se o corpo estranho estiver encravado no globo ocular pingue na pálpebra inferior algumas gotas de azeite, óleo de ricino ou glicerina, cubra o olho com uma gase e atadura e chame um médico.

Se entretanto V. conseguir retirar o corpo estranho e o olho tiver ficado inflamado banhe-o com água fervida morna ou uma solução fraca de ácido bórico. Idêntica medida deve ser tomada no caso em que o corpo estranho tenha sido um ácido. Ao contrário, cal ou qualquer substância calcárea deverá ser neutralizada banhando o olho com uma solução fraca de vinagre.

## G) SANGUE PELO NARIZ

A hemorragia nasal embora impressione pela vista do sangue, geralmente não apresenta perigo. Faça o paciente sentar-se confortavelmente, cruzar as mãos na nuca e inclinar a cabeça para trás. Procure afrouxar-lhe as roupas e especialmente o colarinho deixando livre o pescoço. Faça-o respirar pela bôca e aplique-lhe compressas de água fria (pano húmido), um na nuca e outro sobre o próprio nariz. Se isto não fôr suficiente para estancar a hemorragia, faça a vítima mergulhar os pés num balde de água quente. Se entretanto a hemorragia nasal continuar abundante, isto indica que houve ruptura de alguma pequena artéria do septo nasal e neste caso torna-se necessário fazer o tamponamento (vedar a narina). Para isso use

uma tira de gase ou pano esterilizado, embebido previamente em água oxigenada. Chame o médico.

## H) BOLHA D'AGUA

As bolhas d'água, muito comuns especialmente nos pés, são geralmente provenientes do atrito da pele fina contra o calçado, meia furada, etc. Para tratá-las lave, inicialmente, a região atingida com água e sabão. Em seguida desinfete-a com qualquer antiséptico (iodo, mercúrio-cromo, mertiolato, etc.).

Se a bolha não tiver já arrebentado, fure-a na parte inferior com uma agulha ou alfinete, previamente flambado (passado numa chama). De qualquer forma, evite retirar a pele. Cubra-a com gase e esparadrapo, aplicando, se possível, óxido de zinco ou qualquer outro pó secativo.

## CAPITULO III

### HIGIENE

#### A) CUIDADOS GERAIS PARA CONSERVAÇÃO DA SAUDE

Se V. quer ser um bom Escoteiro, forte e capaz de resistir ao mau tempo, a primeira coisa que tem que aprender é: zelar pela sua própria saúde, por um lado, defendendo-se e aprendendo a evitar doenças e acidentes; por outro lado, enrijecendo o organismo e habituando-o a viver em plena natureza, ao ar livre.

B.-P. disse uma vez que um Escoteiro que não sabe cuidar de si mesmo não merece este título e nem deve sair de casa, para enfrentar algumas dificuldades e gozar nossa vida de aventuras; ele deverá ficar em casa onde não corre nenhum risco e nada lhe poderá acontecer. O nosso fundador disse textualmente: "Primeiro cuide de si próprio para depois, então, poder cuidar dos outros". Isto não deve ser interpretado como uma recomendação egoística mas bem ao contrário como um conselho: "mantenha-se fisicamente forte e sadio para poder ajudar os outros e prestar suas B. A." Quem não pode consigo próprio, como vai poder auxiliar o próximo? Em outras palavras: Aja pelo exemplo! Esteja também "Sempre Alerta" em defesa de sua saúde. Desta forma V. também fará "Economia" pois nunca terá de comprar remédios. "Ar livre e Exercício são os melhores medicamentos que eu conheço", costumava dizer o Fundador.

Eis algumas regras práticas e objetivas sobre a conservação da saúde:

1) — Mantenha-se sempre limpo e aseado. Tome banho frequentemente (especialmente depois de exercício) e ponha roupa limpa. Isto afasta micróbios e parasitas e evita infecções, em caso de acidente. Tenha cuidados especiais, nesse sentido, com os pés e as mãos.

2) — Não se contente, porém, com limpeza externa. Procure manter também limpeza interna. Saúde e vigor exigem bom funcionamento de todos os órgãos e aparelhos do corpo humano.

êles dependem especialmente de sangue puro, limpo e forte (aparelho circulatório). É o sangue que vai alimentar e vivificar todo o nosso corpo e êste se obtém:

a) respirando ar puro e bom, profundamente (pulmões — aparelho respiratório);

b) pela boa alimentação, isto é, comida sadia e nutritiva, a par de limpeza e desobstrução do aparelho digestivo (estômago, intestinos, etc).

3) — Procure fazer exercício físico ao ar livre e suar bastante. Isto ajuda a eliminar as impurezas e toxinas internas.

4) — **Água** — Tenha cuidado especial com a água. Não beba sem ter certeza de que é pura. Evite fazê-lo durante as refeições e também durante as marchas e excursões. Isto é uma questão de hábito. Mantenha a boca fechada ou ponha uma pedrinha na boca e em pouco tempo V. deixará de sentir sede. Nas marchas, a sede é geralmente provocada pela desidratação ou eliminação da água e gordura do corpo, pelo suor. Se V. bebe, volta a suar e a nova eliminação lhe aumenta a sede. Afirmando-lhe que pessoalmente eu consegui emancipar-me do uso do cantil, que geralmente constitui peso e volume desagradáveis e desnecessários nas excursões.

5) — **Fumo** — V. naturalmente conhece os 10 artigos da Lei mas talvez ainda ignore o 11º, que não existe escrito, mas todos nós conhecemos. É êste é “O Escoteiro não é bôbo”! Nenhum artigo da Lei nos **proíbe** de fazer qualquer coisa que queiramos, mas um camarada que se mete a fumar em plena fase de crescimento e desenvolvimento físico, está realizando uma grande e rematada tolice. Além de desagradável para quem começa, e dispendioso, o fumo enfraquece o coração que é o órgão que V. mais precisa nesta época de sua vida. Além do mais, o fumo prejudica o olfato, sentido êste indispensável a um bom Escoteiro e necessário em grande número de jogos e competições. Se V. pretende fumar, deixe para mais tarde quando fôr homem feito. Não o faça já, imbecilmente, como certos garotos, para fingir que são homens. E assim V. crescerá mais rapidamente e quando tornar-se realmente um homem, tenho a certeza a que fará como eu, isto é, estará convencido da inutilidade do cigarro e... não fumará.

6) — **No Acampamento** — Durante o dia esvazie a barraca e deixe-a aberta e arejada. Estenda tôdas as roupas ao sol. Não deite nem durma em terreno húmido. Pelo menos forre o chão com um impermeável. Acorde cedo e mantenha-se alegre.

“Falta de alegria significa ausência de saúde”, disse B.-P.

## B) HIGIENE DA ALIMENTAÇÃO

Já fizemos anteriormente algumas referências à necessidade de boa alimentação. Agora, aqui, entraremos em maiores detalhes.

O corpo humano é uma máquina (como um automóvel), produtora de energia (movimentos, calor, e as próprias funções orgânicas internas) e como tal, precisa de carburante. A energia de que



necessita é obtida pela combustão dos alimentos, e não da “gasolina” como nos automóveis! São os alimentos que vão produzir a energia para nossos movimentos, trabalho físico ou intelectual, circulação, respiração, digestão, etc.

É lógico portanto, que a quantidade de alimentos ingeridos tem que corresponder ao total de dispêndio de energia diária, de modo a que seja mantido o equilíbrio orgânico. Se um indivíduo trabalha muito (dispendendo muita energia), e pouco se alimenta, naturalmente se enfraquece, ou depaupera. É portanto, perfeitamente natural que seja maior o consumo de alimentos das pessoas que exercem grande atividade física (trabalhadores braçais, desportistas, etc.) e também dos jovens em período de crescimento ou desenvolvimento. Entretanto, o abuso da alimentação também é condenável pois resulta numa sobre-carga desnecessária do organismo e num excesso de “combustível” que se apresenta sob a forma de gordura, “banha” ou tecido adiposo, o qual em vez de constituir uma reserva orgânica, constitui um peso e “volume” desnecessários e de “difícil transporte”.



Nem um, nem outro.

Outro ponto que deve ser bem esclarecido, é que a importância de uma refeição, não depende só da quantidade ingerida, mas, principalmente, de seu valor nutritivo. Pouco adianta enchermos o estômago de "boia", se ela não for nutritiva. Sentir-nos-emos enfiados, de "barriga cheia", mas continuaremos mal alimentados.

Finalmente, o corpo humano além de exigir combustível "rico" exige combustível "especializado". Os músculos, por exemplo, necessitam de proteínas e de substâncias hidro-carbonadas; os ossos exigem cálcio e outros minerais; o cérebro e os nervos precisam fósforo, e por aí afora.

Conseqüentemente a alimentação tem de ser variada para poder conter todos os elementos necessários a satisfazer as necessidades do organismo, a saber: proteínas, gorduras, hidratos de carbono, sais minerais, vitaminas e água. Os alimentos de maior valor nutritivo são, portanto, aqueles que possuem mais de um desses elementos em quantidades razoáveis e proporcionadas. Entretanto, esses elementos às vezes predominam em determinados alimentos.

Por exemplo, as proteínas — que são elementos formadores e construtores dos tecidos (e portanto muito necessários aos jovens) — são encontrados na carne (especialmente fígado, rins, miolos e outras vísceras e incluindo as de ave e peixe), os feijões, os cereais em grão, o leite, queijo, ovos, etc.

As gorduras por sua vez, são encontradas, de preferência, no azeite, banha, manteiga, toucinho, óleos etc.

Os hidratos de carbono predominam nos produtos, farináceos (pão arroz, massas, fubá, etc.), em certas frutas, no mel, melado, açúcar etc.

Os sais minerais e as vitaminas são encontrados ainda nas frutas, nas verduras (especialmente as folhudas), nos legumes (incluindo os de raízes — cenouras, cebolas, nabos, beterrabas, etc.).

Como vemos, cada alimento possui ou não certa quantidade daquelas e de outras substâncias necessárias ao nosso organismo e portanto deve ser comido mesmo que não satisfaça muito ao paladar.

A arte culinária consiste em combinar todos eles numa refeição equilibrada, atraente à vista e agradável ao paladar.

Por aí também vemos quanto é defeituosa a refeição constituída unicamente de feijão, arroz, carne e farinha, todos os dias. A refeição tem de ser completa, equilibrada e variada.

Finalmente, a água é também necessária para reter, no organismo as substâncias fornecidas pelos alimentos e para ajudar a eliminar os resíduos alimentares. Entretanto, como já explicamos acima, é necessário evitar seu abuso, especialmente durante as refeições e exercícios.

Com relação à higiene propriamente dita, conservação e utilização dos alimentos, é fora de dúvida que devemos dar preferência ao alimento o mais fresco possível, particularmente no que se refere a

carne, leite, ovos, frutas e verduras. Eles devem ser mantidos ou guardados também em lugares frescos a fim de se evitar a deterioração, fermentação e o bolor (môfo), e fora do contacto de moscas e outros insetos portadores de germens e bactérias.

O leite quando de origem duvidosa, deve ser fervido ou pasteurizado (processo científico de destruição de germens nocivos).

No que diz respeito aos legumes e verduras que tem de ser cozidos para comer, alguns deles perdem as vitaminas ao cozinhar. Daí surge a necessidade de incluirmos as saladas (legumes crus) diariamente nas nossas refeições.

É desnecessário salientar que as folhas de alface, agrião, etc., devem ser cuidadosamente lavadas antes de se preparar a salada. Outrossim, muitas das qualidades nutritivas dos legumes ficam na água de fervura. Há portanto grande conveniência em que esta seja aproveitada sob a forma de caldo ou sopa.

Esses legumes e verduras que deverão ser cozidos, devem ser postos na panela, depois que a água esteja fervendo, e devem ser retirados logo que possível. A panela deve ser tapada, para evitar o contacto com o ar que destrói as vitaminas.

Com relação às carnes, as melhores são as que têm menos de 24 horas. A melhor maneira de preparar a carne é assá-la sobre brasa, na grelha ou espeto.

As gorduras, embora necessárias, não devem ser usadas em muita quantidade, mormente nos dias quentes, pois retardam a secreção do suco gástrico, dificultando a digestão. No nosso país, em geral abusamos das frituras o que, francamente, não é recomendável.

Igualmente devem ser evitados os doces e guloseimas fora das refeições, os quais sobrecarregam, fora de hora, o aparelho digestivo, tirando o apetite para as refeições úteis e apropriadas. São particularmente desaconselhados os doces e balas adquiridos na rua, de origem, fabricação e duração suspeitos, além de confeccionados em condições higiênicas muito duvidosas.

Está também muito vulgarizado hoje em dia o uso de refrigerantes artificiais engarrafados. Tais bebidas não tem nenhum valor nutritivo e esses líquidos ocupam no estômago um espaço que poderia ser aproveitado pelo suco de uma fruta ou um copo de leite.

Não podíamos, finalmente tratar de higiene da alimentação, sem fazer algumas referências à alimentação no acampamento. É recomendável que nos acampamentos procuremos manter o mesmo regime alimentar que levamos normalmente na vida diária, se ele for correto. Ou que tentemos modificar o que nele houver de errado, como seja repetição diária dos mesmos pratos, as superstições alimentares que proibem comer fruta com leite, o que na verdade não faz mal a ninguém e é até um bom costume.

Devemos ainda dar preferência a alimentos frescos, e a substituí-los ou equivalentes pouco perecíveis, de pequeno volume e peso, e

portanto, fáceis de transportar na mochila. Em vez de comidas enlatadas, recomendamos especialmente: pão de centeio ou de milho (em vez de pão comum que fica duro e ruím), massas (macarrão, espagete, etc.), leite em pó, aveia em flocos, fubá de milho, extrato de carne, sopas em pacotes (legumes desidratados), etc. O café e o cacáu solúvel, ou o chocolate, além de serem mais fáceis de preparar, substituem o café, com real vantagem.

A mortadela, a carne seca e o presunto podem substituir a carne fresca, nem sempre fácil de obter no campo.

Finalmente, procure comer a horas certas, com calma e bom humor. Siga a regra dos "Quatro por quatro", isto é, quatro refeições diárias, intervaladas de quatro horas.

### C) HIGIENE DO VESTUÁRIO

A escolha do vestuário depende, naturalmente, do clima e dos hábitos e costumes da região, sem contudo ser de desprezar a boa apresentação e a elegância no trajar que caracterizam as pessoas de bom gosto.

Pelas roupas se conhece o homem limpo e cuidadoso e também se identificam as pessoas negligentes e desmazeladas.

Em princípio, os trajes devem ser folgados, pois isto facilita a circulação, os movimentos e permite a respiração cutânea (pelos poros). Evite principalmente os cintos muito apertados (que além de prejudiciais são deselegantes) e também colarinhos muito justos no pescoço.

Dê preferência à roupas de baixo de cor branca e de tecido que absorva o suor ou transpiração. Elas devem ser mudadas, no mínimo duas vezes por semana e, se possível, depois de um banho geral.

Não se deve dormir com a roupa que se usou durante o dia.

Não se deve andar descalço. Se V. não quiser usar botinas ou sapatos, use então sandálias, alpercatas ou sapatos tipo tenis. Seu uso protege os pés da humidade, de topadas, espinhos e outros ferimentos e bem assim, de certos parasitas como os da opilação, cujos vermes penetram no organismo através a sola dos pés.

O calçado deve ser usado sempre com meias, pois estas, além de absorverem a transpiração dos pés e serem fáceis de mudar, impedem a formação de bolhas e escoriações durante as marchas e excursões.

É lógico que durante o verão as roupas devem ser leves e frescas e, de preferência, claras. No inverno devem ser usadas roupas mais grossas para conservar o calor interno.

Com referência à lã é conveniente observar que não é tanto a espessura do tecido que importa mas sim a abertura da malha; quanto mais fechada a malha, menor a entrada de ar frio através seus interstícios.

Evite o uso permanente de camisetas de lã ou algodão, principalmente em contacto direto com a pele. Elas prejudicam a respiração cutânea e viciam o organismo que não aprende a se defender por si só; quando V. tiver que tirá-las para tomar banho ou fazer ginástica, é resfriado na certa!

Preserve a cabeça da chuva e do sol forte usando um chapéu sempre que for necessário.

As roupas merecem os mesmos cuidados de asseio que o corpo; devem ser convenientemente lavadas pois a sujeira da roupa repugna tanto à vista... como ao olfato.

Roupas rasgadas, descosidas ou sem botões, também não recomendam seus possuidores; pobreza não é vergonha porém relachamento o é!

Agora, uma última palavra sobre nosso próprio uniforme. V. deve ter verificado, por experiência, que ele foi organizado pelo Fundador atendendo a todas estas exigências. Realmente, além de nos proteger, é elegante e permite identificar a todos os membros do Movimento. Ele já constitui um símbolo tradicional no mundo inteiro e não há razão nem é direito introduzir-lhe modificações.

### D) HIGIENE DA HABITAÇÃO

Em nossas casas passamos a maior parte de nossa vida; elas, portanto, devem ser saudáveis, alegres, confortáveis e bem arrumadas.

Para isso, precisam ser limpas, arejadas e batidas pelo sol. Ar puro e sol são inimigos da humidade, insetos e micróbios.

Mantenha, portanto, os quartos e salas bem ventilados e com as janelas abertas.

Para limpar a casa evite simplesmente varrê-la ou espanar a poeira, pois deste modo V. estará apenas levantando o pó para deixá-lo em suspensão no ar. É muito melhor passar um pano húmido no soalho e nos móveis pois agindo deste modo V. estará realmente retirando a poeira não deixando-a circular no ar.

O lixo não deve ser espalhado ou atirado pelas proximidades da casa.

Deverá ser colocado fora da habitação em recipiente fechado (caixa ou lata com tampa) e depois removido, enterrado ou incinerado.

Com estas medidas se evita a proliferação de ratos, baratas, moscas e mosquitos. Evite igualmente, abandonar latas vazias, vidros, garrafas e depósitos d'água no quintal pois eles se prestam à criação de mosquitos.

Evite dormir com muitas pessoas no mesmo quarto e não admita cães, gatos e outros animais no quarto de dormir e muito menos sobre a cama.

Também não deixe plantas ou flôres dentro de casa durante a noite.

A cama deve ser arrumada diariamente; as roupas de cama devem ser mudadas todas as semanas.

Quando V. tiver que estudar ou trabalhar de noite, procure fazê-lo com boa iluminação.

Todos estes conselhos são simples e claros e não exigem maiores explicações. Para quem reside no interior, duas coisas têm importância primordial: boa água e boa latrina.

Devem ser evitadas as casas situadas em lugares baixos, as construídas perto de chiqueiros, estábulos ou currais e as de paredes apenas barreadas; as paredes devem ser lisas e caiadas; em Portugal dizem que "a cal é o luxo do pobre!"

Quando a água é corrente ou colhida de manancial deve se limpar e cercar o local para impedir o acúmulo de detritos ou a sua poluição por animais. Quando a água tiver de ser captada de pôço, éste deve ficar pelo menos a 200 metros de distância dos estábulos, cocheiras, possilgas ou fôssas.

Eles devem ser cobertos com tampa para evitar a queda de detritos no seu interior.

Finalmente, com relação às privadas, onde não existir rêde de esgôto, aquelas devem, se possível, ser do tipo "septico" ou biológico. Quando isto não fôr possível, aconselha-se a construção de uma fôssa com um mínimo de 2 metros de profundidade sôbre a qual coloca-se um caixão vasado e com tampa. Ela deve ser localizada em posição e a uma distância tais que não haja perigo de contaminação da água corrente ou do pôço donde seja retirada a água potável ou de limpeza. Em hipótese alguma as fêzes devem ficar ao nível do sólo, onde poderiam ser arrastadas pela água da chuva ou espalhadas por animais. Em princípio, fôssas, possilgas, cocheiras, currais, etc., também devem ficar a mais de 200 metros das habitações.

## CAPITULO IV

### ATADURA

Para proteger um membro ferido, dar-lhe apóio e firmeza ou manter um curativo no lugar, usa-se geralmente uma atadura ou bandagem. Especialmente a atadura triangular é de grande utilidade em tais casos; uma das finalidades do lenço do escoteiro é prestar-se relativamente bem para fazer-se uma atadura triangular de emergência, desde que... se saiba fazê-la! V. terá que aprendê-lo praticando em um companheiro (cada um faz no outro) e depois em si próprio. Para praticar, não use o próprio lenço mas um pedaço de pano velho, limpo com as dimensões do lenço escoteiro.

A) — ATADURA NO JOELHO — Dobre o lenço por uma das

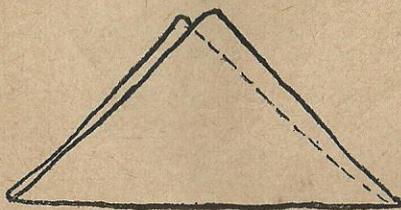


Fig. 1

diagonais (figura 1) e torne a dobrá-lo a uns cinco centímetros da base (figura 2). Em seguida aplique o lenço sôbre o joelho (figura 3) e faça as duas pontas laterais passarem por trás e entrecruzando-se voltarem à frente. Amarre as pontas na perna com um nó direito

(figura 4) e finalmente rebata juntas as duas pontas superiores e meta-as por baixo do nó, como indica a seta pontilhada da figura 4.

Fig. 2

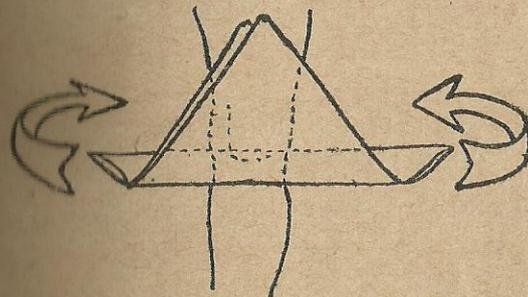
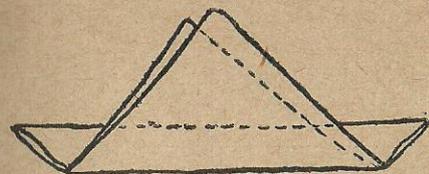


Fig. 3



Fig. 4

Fig. 5



B) — ATADURA NA CABEÇA — é geralmente usada para manter um curativo no lugar. Dobre o lenço pela diagonal e torne a dobrá-lo a uns cinco centímetros da base, como no caso anterior (figuras 1 e 2).

Aplique sua parte central sôbre a testa do paciente, na altura das sobrancelhas (figura 5), de modo que as duas pontas superiores passem juntas sôbre a cabeça e caiam sôbre a nuca (figura 6). Tome as pontas laterais e faça-as passarem por trás entrecruzando-se firmemente na base do crâneo e voltando à frente pelos lados opostos.

Amarre essas pontas na testa com um nó direito (fig. 7). Em seguida acerte as dobras laterais e tomando as duas pontas da nuca dobre-as

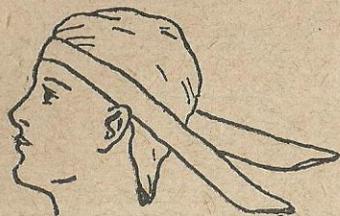


Fig. 6



Fig. 7

para fora e para cima, prendendo-as no alto da cabeça com um alfinete de segurança ou metendo-as na dobra do lenço, tudo como indica a seta da figura 7.

C) — ATADURA NO PÉ — Dobre o lenço pela diagonal e coloque-o numa superfície plana. Descanse o pé no centro do triângulo (figura 8).



Fig. 8

Em seguida levante a ponta anterior (dupla) do triângulo, aplicando-a sobre o peito do pé e o tornozelo (figura 9).

Depois faça as duas extremidades laterais passarem sobre o peito do pé e entrecruzando-se voltarem atrás onde novamente se entrecruzam um pouco acima do calcanhar para virem ter as pontas unidas por um nó direito no peito do pé (figura 10).

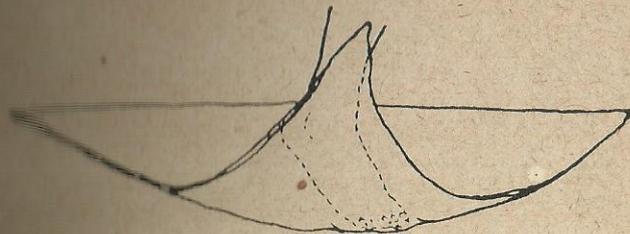


Fig. 9

A ponta superior (dupla) será igualmente rebatida sobre o nó e mantida debaixo dele.

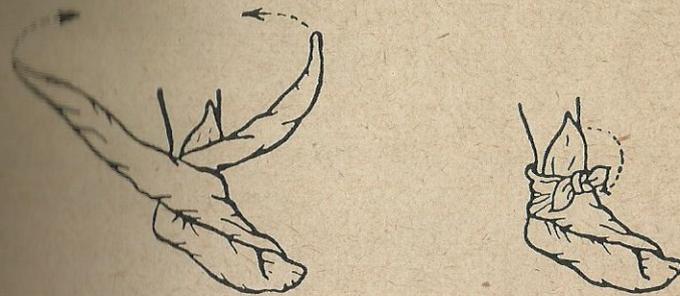


Fig. 10

NOTA — Esse mesmo processo pode ser utilizado para fazer uma atadura para a mão.

A diferença é que o nó fica um pouco acima da parte externa do pulso.

D) — TIPOIA — Embora não seja exigido na prova, é conveniente saber-se também aplicar uma tipoia para descanso ou imobilização do ante-braço. As figuras 11 e 12 são suficientemente elucidativas.



Fig. 11



Fig. 12

## CAPITULO V SINALISAÇÃO

### A) GENERALIDADES

O conhecimento do Alfabeto Morse e Semafórico é de grande utilidade em Escotismo e na vida prática, onde muitas vezes precisamos nos comunicar à distância.

Para esta prova só é exigido o conhecimento de um deles, à sua escolha, mas aqui ensinaremos ambos.

Deve-se notar que o Código Semafórico só serve para comunicação visual, utilizando para isso duas bandeirolas; é utilizado geralmente no mar para comunicação entre navios e embarcações. Já o Código Morse é de uso universal e pode ser utilizado não só com bandeirolas durante o dia, como também com luzes, à noite (lampejos luminosos, ou pisca-pisca usando a própria lanterna elétrica) e sinais acústicos (apitos, cigarra, trompa, etc.). O Código Morse é de uso normal nas comunicações telegráficas e radiotelegráficas. Por isso mesmo é que o aconselhamos e vamos estudá-lo em primeiro lugar.

### B) O CÓDIGO MORSE

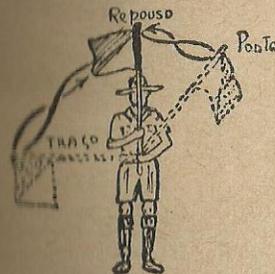
Ele tem esse nome devido a seu inventor, SAMUEL MORSE, que o organizou por volta de 1835. Como todos sabem, a cada letra do

alfabeto corresponde um certo número de traços e pontos. A arrumação desses sinais forma a letra; por exemplo a letra "A" é Ponto-Traço (—). Entretanto, de agora em diante não devemos mais nos referir a pontos e traços, mas sim a DI (.) e DAAA (—), pois o importante é guardar ou "meter na cabeça" o ritmo musical de cada letra. Neste modo o "A" fica sendo DI DAAA! É importante saber desde o início o seguinte:

- 1) — O intervalo entre cada sinal tem a extensão de um DI;
- 2) — Um DAAA tem a extensão de 3 DI (DAAAH!);
- 3) — No fim de cada letra alfabética há um intervalo com a extensão de um DAH (3 DI);
- 4) — No fim de cada palavra há um intervalo de 5 DI.

A melhor maneira de treinar Morse é usar um manipulador com cigarra e praticar com um companheiro; um transmite e o outro recebe e depois trocam de posto. Isto deve ser feito de preferência ao ar livre e à distância de mais de três metros, conforme o volume de som da cigarra.

Quando a comunicação for visual (luzes ou bandeirolas), um Posto de Transmissão ou de Recepção exige dois operadores; no Posto de Transmissão um dita a mensagem e o outro a transmite; no Posto de Recepção um observa, recebendo a mensagem e ditando-a ao segundo que escreve a mensagem em letras **maiúsculas**. A distância entre os postos deve ser maior de cinquenta metros.



Há dois processos de sinalizar com Bandeirolas: usando as duas ou usando uma única. Quando se usa as duas bandeirolas o DAH é feito levantando os dois braços na horizontal, e o DI, levantando apenas o braço direito.

Quando se usa apenas uma bandeirola (pode-se usar também o bastão com o lenço escoteiro), um bom processo é o seguinte:

- 1) — Manter a bandeirola acima da cabeça;
- 2) — Para fazer o DI, descrevendo um oito, inclinar a bandeirola para a esquerda, sem contudo, atingir a horizontal (ângulo de 45 graus com a vertical);
- 3) — Para fazer o DAH, descrevendo o oito, inclinar a bandeirola para a direita atingindo a horizontal (ângulo de 90 graus com a vertical).

Em qualquer caso, não parar nas posições laterais extremas mas sempre separar bem os sinais na vertical. A figura ao lado elucidada a maneira de fazer os sinais.

### C) TREINAMENTO EM MORSE

Como V poderá observar, algumas letras do alfabeto têm menos DI e DAH que as outras. Isto é devido ao fato de que Morse organi-

sou seu código de modo tal que as letras mais comumente usadas (na língua inglesa) ficassem mais simples de transmitir. Por isso mesmo vamos começar por essas letras. Aprenda apenas um grupo por dia e não passe ao grupo seguinte sem repetir o exercício anterior. Se V. pretende treinar com apito é preciso aprender a usá-lo. Segure-o entre os dentes e véde a entrada de ar nele, com a ponta da língua; mantenha pequena pressão de ar permanente durante a transmissão de cada letra; para emitir o som retire a ponta da língua da entrada do apito, durante o tempo necessário. Respire e restabeleça a pressão no intervalo entre as letras.

1) — 1º GRUPO (DOS DI)

E — DI (.)  
I — DI DI (..)  
S — DI DI DI (...)  
H — DI DI DI DI (....)

Este grupo inicial é muito simples. Pratique com as palavras abaixo, algumas das quais não formam sentido. Não tente contar mentalmente o número de DI de cada letra. Grave o seu ritmo! Se V. errar na transmissão, transmita ANULATIVO ou ÉRRO que é uma série de DI (de 6 a 10).

PRÁTICA NO 1.º GRUPO (para transmitir e receber) — E — SE — SI — EIS — SEI — HEI — SHE — HEIS — SIEH — HIES — SEHI — HISE — SHIE — SHEI — SIHE — HESI — ISHE — SHISE — SSHESI — SISHE.

2) — 2º GRUPO (DOS DAH)

T — DAH (—)  
M — DAH DAH (— —)  
O — DAH DAH DAH (— — —)

Com este grupo V. já conhece 7 das 26 letras do alfabeto, ou seja, mais de um quarto do total. Veja que já está transmitindo palavras reais.

PRÁTICA NOS DOIS PRIMEIROS GRUPOS (Para transmitir e receber) — EIS O MOTE — TOME ISTO — TEMOS SETE — O SÉTIMO HOMEM É ÓTIMO — ÉSTE E OÉSTE — THOMÉ TEM SITIO — TESTO O ISTMO — METO O TIME — HESITO E TEMO O MOTIM — TOSSE E MIE — ISTO É O EITO — SIM SEI O MITO — ESTE É MISTO — TÃO TESO — SEIS HOSTES — TOSE SEM O TIMO — SE O SOM É MI — METO EM MEIO TOM — SOMOS SEIS.

3) — 3º GRUPO — O P Ó S T O S — 4º GRUPO

N - DAH DI (—.)                      A - DI DAH (— —)  
D - DAH DI DI (—.. )                U - DI DI DAH (— — —)  
B - DAH DI DI DI (—... )            V - DI DI DI DAH (— — — —)

PRÁTICA NOS TRÊS PRIMEIROS GRUPOS: BEM — DOIS — BOM — BOIS — IDA — MONTE — MEDO — DOTE — NOME — SINTO — MODO — TONTO — MENTO — MONTEI — TÍMIDO — BENTO — MINTO — BONDE — DENTE — DEMOS — MÉDIO — BENDITO — DEÍ OS DEDOS TEMENDO O BOTE — O HINO É

BONITO — SEI TODOS OS NOMES — DOIS BOIS NÉDIOS — O TENENTE DISSE SENTIDO — O MEDO DO BOTO É MINIMO — SETE MENOS DOIS — DEMOS TODOS NISSO — SOMENTE SE ME SINTO BEM BOM DISTO — OS DEDINHOS DO DOENTE — O BETINHO É HONESTO.

PRÁTICA NOS QUATRO PRIMEIROS GRUPOS: — AME — BOA — DAMOS — NADA — TIA — SOMA — SOVA — VEM — VIVA — VOTA — ATIVO — BATEMOS — HABEIS — VATE — VOTIVA — HABITO — MOTIVO — VISTO — SANTIDADE — SUA — UVA — MADVA — DUVIDA — VIUVA — HUMANO — BAMBU — VI A SUA NOIVA — VA EM TODOS OS DIAS DA SEMANA — DOMINE OS DEUS HOMENS — VIVA A DEBATIDA HUMANIDADE — SUBA DE DUAS EM DUAS — NÃO OBSTANTE TENHO UMA VIDA MOVIMENTADA — EIS O HEBDOMADÁRIO DESTA HORA — SAIBA ONDE ESTA O SABIDO NO SABADO — BENVINDO SOU AO MEU SITIOSINHO — VEMOS BONS HOTEIS MAS SABEMOS SEREM SEM MOVEIS — TUDO É DISTANTE DO NINHO DAS AVESINHAS — INVENTE MAIS ATÉ SABER BEM.

4) — Agora, antes de continuar a aprender novos grupos vamos conhecer um processo prático de guardar na memória todo o alfabeto. Leia algumas vezes as palavras do quadro abaixo:

AZAR	GALIANO	MATAR	TAL
BARRIGUDO	HIPOLITO	NABO	ULTIMAR
CARREGADO	IRIS	O LA LA LÁ	VERIFICAR
DATILO	JUPARANA	PREPARADO	WISAPA
FEDERADO	KAVILHA	QUADRATURA	XAROPOSA
	LINFÁTICO	RENATO	YATEMATA
		SURURÚ	ZAGALETO

Neste quadro:

- a) — Tódas as palavras começam pela letra que queremos em Morse;
- b) — O número de sílabas de cada palavra indica o número de sinais (DI e DAH) que constituem essa letra;
- c) — Tódas as sílabas com "A" são DAH — Tódas com as demais vogais são DI;
- d) — Constituem, naturalmente exceções a letra "A" (Azar .—) e a letra "O" (O la la lá — — —).

A comparação do quadro com as letras dos grupos já conhecidos esclarece qualquer dúvida.

É relativamente mais fácil guardar êsses nomes na memória e com eles lembrar uma ou outra letra que eventualmente tenha sido esquecida. Saber Morse é uma questão de prática e treinamento. As

vêzes a gente esquece uma ou outra letra e essas palavras acima ajudam a recordá-la.

Dito isto, continuemos:

5) 5º GRUPO (Ainda letras opostas)

G - DAH DAH DI (---.)      W - DI DAH DAH (---)  
GAL VA NO                      WI SA PA  
Q - DAH DAH DI DAH (---)    Y - DAH DI DAH DAH (---)  
YA TE MA TA

PRÁTICA NOS CINCO PRIMEIROS GRUPOS ANTERIORES: — AGUDO — GANHE — WASHINGTON — QUANDO — QUEIMO — QUASI — SIGA — O TOTEM DA AGUIA ESTÁ QUASI EM SUAS MÃOS — QUANDO ESTIVE HAVIA MUITA AGUA — ESTA GENTE SUSTENTA DUAS VIGAS — O TOMBO SERÁ DADO QUANDO SE MOVIMENTE O BASTÃO — O NOME DO YATE É BOBBY — HONTEM NÃO VI O SEU GATO MAS VI O SEU GUIA — MINHA BOIA ESTÁ MAIS OU MENOS QUEIMADA — O AUTOMATISMO É OBTÍDO ASSIM MESMO — VENHA VER SE MOYSÉS TINHA UMA OU DUAS TÁBUAS — HONTEM QUANDO GANHEI DE WANDA NÃO VI O NEY — SIGA A VIA WEST SEM BOTINAS ATÉ MOGY — NO BOSQUE DEVE HAVER MUITA AGUA ESTAGNADA — DIGA QUE NÃO SOU EU — O WAGON É DESTINADO AO DESVIO — EIS O HOBBY DO BOBBY — TENHA SUAS DUAS BOTINAS A MÃO QUANDO EM VIAGEM.

6) — 6º GRUPO (Mais dois opostos)

F — DI DI DAH DI (---)      L - DIDAH DI DI (---)  
FE DE RA DO                      LIN FA TI CO

PRÁTICA: - LEVE LOGO — UTILIDADE — FILOSOFIA — UTIL — FALSO — SOFÁ — O SEU NOME É GIL E O DELE SEBASTIÃO — FIQUE AQUI NA ÚLTIMA FILA — LIGUE O FIO — WILMA TAMBÉM GOSTA DE BELOS VESTIDOS — A FOLHA QUE EU GANHEI É DO OSWALDO — DEI UMA BATIDA VIOLENTA MAS NÃO FIQUEI MAGOADO — A LUVA DE WATSON QUEIMOU-SE — BATA A GEMA DO OVO ATÉ QUE FIQUE BEM LEVE — A LUTA FOI BEM MEDIDA — ESTIMO YOLANDA — FALE QUE ELE OUVIU — HAVIA FIGOS MANGAS MILHO AVEIA E BATATAS — ELES TINHAM BEBIDO VINHO — A FOLHINHA TEM TODOS OS DIAS DA SEMANA MENOS O DOMINGO — NA GAVEA HA MUITO SÍTIO QUE NÃO É LIMITADO — O FILHO DO SOLDADO BOTOU O DEDO NO SABÃO — NENHUMA FAVA FOI USADA ENQUANTO EU ESTIVE AQUI — TEMEMOS QUE O QUIABO FIQUE LEVEMENTE QUEIMADO — GANHAMOS O VINTEM DO ELY — NEWTON AGIU VIOLENTAMENTE — ELE NÃO LIGA NADA — ISTO É DEMAIS VAMOS AO DEBATE.

7) — 7º GRUPO (Das letras simétricas, ou sanduíches)

K — DAH DI DAH (---)      R — DI DAH DI (---)  
KA VI LHA                      RE NA TO  
P — DI DAH DAH DI (---)    X — DAH DI DI DAH (---)  
PRE PA RA DO                      XA RO PO SA

PRÁTICA — O KAGADO É MEU — KILOGRAMO — O PEDRO PENSA QUE O XAROPE É RUIM — WILLIAM É UM NOME PRÓPRIO INGLEZ — SÓ NOS FALTA SABER TRÊS LETRAS — AMANHÃ SERÁ UM OUTRO DIA — VAMOS VER DE ONDE SAHIRÁ O MESTRE PIONEIRO — NO PANAMA EXISTEM BOAS ROUPAS — O WERNER PODERÁ VENDER O LOTE AO OLYNTHO — GERALMENTE A BRIGA É POR MOTIVO FUTIL — O XISTO BETUMINOSO PRODUZ PETROLEO — O KILOWATT É UMA UNIDADE BOA PARA MEDIR — FIQUEMOS CONTROLANDO TUDO QUE FOR FEITO — O PARALELEPIEDO DA RUA QUE EU VI ESTAVA PRETO DEVIDO AO BRILHO DA CHUVA — O GATO DA VISINHA FUGIU HONTEM AO OUVIR O MEU GRITO — A VIAGEM PARA NEW YORK É BEM BONITA — O NAVIO ANDA MENOS QUE O AVIAO — VA BEM DEVAGAR PORQUE PODE SAIR-LHE O TIRO PELA CULATRA — KIM É O NOME DE UMA HISTÓRIA DE RUDYARD KIPLING QUE FOI APROVEITADA POR BADEN POWELL EM SEU LIVRO SCOUTING FOR BOYS.

8) — 8º GRUPO — As três últimas “independentes”

C - DAH DI DAH DI (---)  
CA RRE GA DO  
J - DI DAH DAH DAH (---)  
JU PA RA NÁ  
Z - DAH DAH DI DI (---)  
ZA GA LE TO

PRÁTICA — O ESCOTEIRO CHEGOU HOJE E VIU UMA ZEBRA — JOSÉ ESTÁ ZANGADO — JOAQUIM COM CADA JOGO SE CANSA MAIS — ZOÉ VIU O JAVALI NA JANGAL — CADA JOVEM FAZ O QUE PODE — JÁ ACABEI — AGORA TOME UM LIVRO REVISTA OU JORNAL E TRANSMITA DELE O QUE QUIZER — VOCE JÁ SABE TODO O ALFABETO.

9) — NÚMEROS — Os números são sempre constituídos por cinco sinais. Sempre que V. tiver de transmitir um número deverá emitir antes o sinal de numeral, que significa: “vou transmitir um número” e que é ..—.. (DI DI DAH DI DD).

Os números são os seguintes:

1 . . . . .	6 — . . . . .
2 . . . . .	7 — . . . . .
3 . . . . .	8 — . . . . .
4 . . . . .	9 — . . . . .
5 . . . . .	10 — . . . . .

10) — Finalmente, aprenda alguns sinais convencionais que são realmente úteis:

ATENÇÃO (ou sinal de chamada para o outro pôsto) — A A A  
 — . . . . . (Este sinal também significa Ponto (.))

“Pode transmitir” ou “Estou pronto para receber”: K —.—

Recebido corretamente (ou compreendido) R —.—

Não compreendido “Sinal de interrogação” (?) Repita, por favor!

I M I . . . . .

Fim de mensagem (Acabei de transmitir) A R —.—

Pedido de socorro SOS . . . . .

Em conclusão V. já deve estar convencido de que Morse é uma questão de prática. Pratique sempre que fôr possível para não perder o treinamento que V. conseguiu adquirir até aqui! Este é o quadro completo do Código Morse:

A . —	J . — — —	S . . .	2 . . — — —
B — . . .	K — — —	T —	3 . . . . —
C — . . .	L . . . .	U . . —	4 . . . . —
D — . .	M — —	V . . . —	5 . . . . .
E .	N — .	W . — —	6 — . . . .
F . . . .	O — — —	X — . . . —	7 — . . . .
G — . . .	P . . . .	Y — . . . —	8 — . . . .
H . . . .	Q — . . . —	Z — . . .	9 — . . . .
I . .	R . . .	1 . — — — —	0 — — — — —

#### D) O CÓDIGO SEMAFÓRICO

Como já dissemos anteriormente, cada pôsto necessita dois operadores e um jôgo de bandeirolas de semáfora. Arranje três companheiros para treinar. Cada um deve passar sucessivamente por tôdas as funções.

O sinal correspondente a cada letra é feito colocando os braços em diferentes ângulos ou posições relativas.

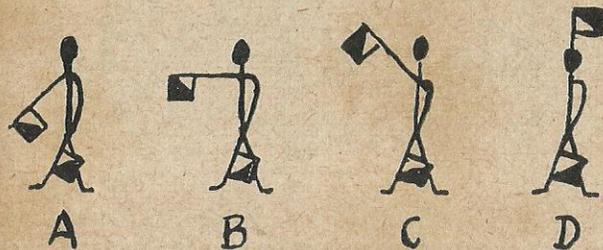
Para transmitir é importante:

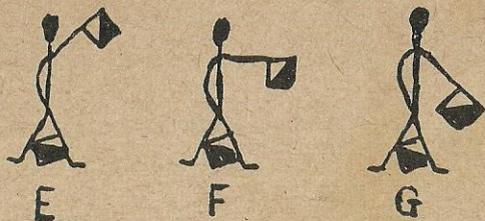
- tomar uma atitude firme e de frente para o receptor. Afastar ligeiramente as pernas e dividir sobre elas o peso do corpo em uma posição cômoda mas correta;
- durante as pausas e intervalos, os braços, prolongados pelas bandeirolas, caem ao longo e à frente do corpo;
- os movimentos devem ser feitos com os braços bem estendidos e com as bandeirolas exatamente em seu prolongamento. Os gestos devem ser amplos e enérgicos;
- a natureza ou côr do fundo, têm muita importância e este deve ser escolhido de modo que o receptor possa distinguir bem as letras.
- deve-se passar diretamente de uma letra à outra, só interrompendo a transmissão no fim de cada palavra. É sempre preferível parar numa letra, rememorar a posição da seguinte e só então passar para esta.
- no intervalo entre 2 palavras volta-se à posição de pausa ou intervalo e só se prossegue na transmissão depois que o pôsto receptor der o sinal de Recebido (R).

#### E) TREINAMENTO EM SEMÁFORA

Tal como recomendamos no treinamento em Morse, procure aprender apenas um grupo por dia e não passe ao grupo seguinte sem repetir o exercício anterior.

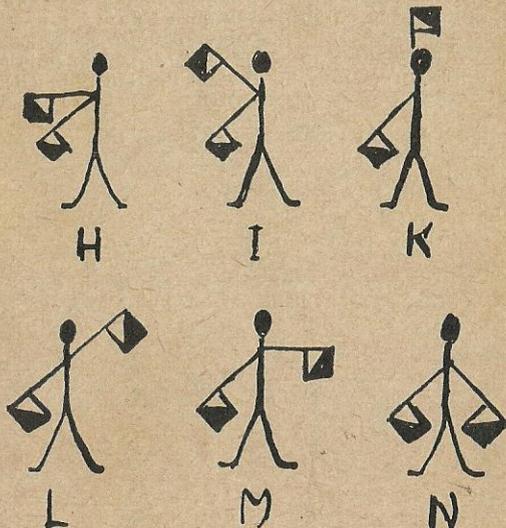
1) — 1º GRUPO OU CÍRCULO — Contém as sete primeiras letras do alfabeto: A, B, C, D, E, F, e G. Elas são feitas com uma só bandeirola. Observe as figuras abaixo e note que A, B e C, são feitos com o braço direito. O “D” pode ser feito com qualquer um dêles; “E”, “F” e “G” são feitos com o braço esquerdo. Em qualquer dos casos o outro braço fica parado em baixo na posição de Intervalo.





PRÁTICA NO 1º CÍRCULO — ABA — BABA — CA — CAB — ACABA — DA — CADA — ACABADA — ACABE — CABEÇA DE DEDADA — FE — FA — FACA — FADA — GAGA — GEADA — GADE — BAGA — ABAFE — GABE — CAFÉ — FEB — ABAFADA — BADGE — CEDA — GABA — BECA — CABE — BEBA — GECA — FACADA — ACABA — CABAÇA — FAB.

2) — 2º GRUPO OU CÍRCULO — Contém as seis letras H, I, K, L, M e N (foi exceptuado o "J"). Para fazer este Círculo, en-

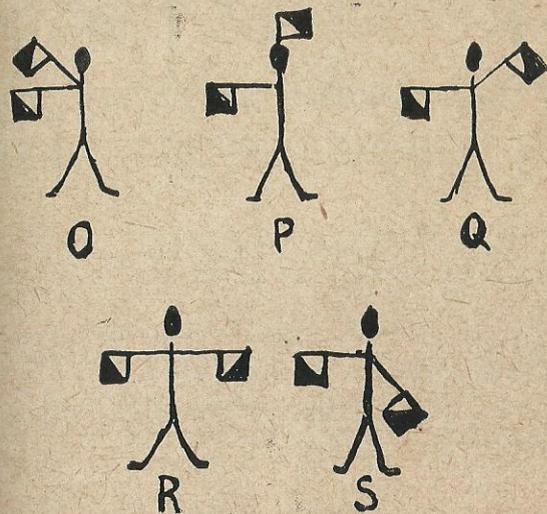


quanto o braço direito permanece na posição da letra "A", o braço esquerdo começa na letra "B". Repita a prática anterior antes de iniciar a que se segue.

PRÁTICA NOS DOIS PRIMEIROS CÍRCULOS — AHI — HEI — HA — HIGLA — DEI — GIBA — FIGA — CHICA — BIGA — DIGA — ABAFEI — CHAGA — FEIA — FADIGA — EFIGIE — CHEIA — CHA — GAIA — AFAGA — DEDICA — ACHEI — AGACHA — ACAHEI — CADELA — FICA — DECIDA — CAÍDA — BICA — CAIA — ACHA — IDADE — FICHA — CIDADE — BICHA — FECHA — GABEI — FABIA — BABEI — EDIFICA — FIGADA — ABDICA — AIA — BEBIA — HEBE — CHEGA — BIFE — ADIE — FAIA — IBGE.

BALA — CADELA — FILA — LAGE — LAMA — BILHA — AMIGA — LIGA — MINA — MIL — CAMADA — CANA — BELINHA — FINADA — CANDIDA — GELADA — MEDIDA — BANANADA — LINGADA — BEM — NANICA — MELADO — CAMELO — LAMINA — DILEMA — FINAL — BANDA — GEMA — MELENA — MINIMA — MILHA — CALHA — KALIFA — KAA — KAFILA.

3) — 3º GRUPO OU CÍRCULO — Contem cinco letras: O, P, Q, R, S.

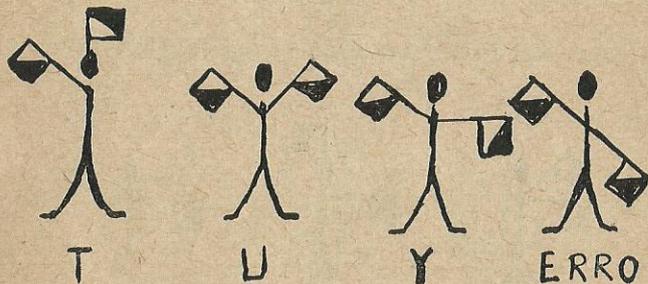


Observe que enquanto o braço direito fica na posição da letra "A" o braço esquerdo começa a letra "C". O "R" especialmente é

muito fácil de guardar. Sempre repita a prática anterior antes de começar a seguinte.

**PRÁTICA NOS 3 PRIMEIROS CÍRCULOS** — (Excetuando-se o “Q”) — BOLA — MEDO — DONA — CHORA — GÊLO — KILO — MOLA — MIKADO — NOME — FOLE — LEGADO — HOMEM — AIPO — PILHA — POLKA — PÉ — PINHA — ODE — GOLE — PINGO — NINHO — COMIDA — BODE — POLEN — POMBO — COME — COLHE — COPO — RAPA — ROL — RIMA — GIRAFÁ — HORA — KALIFA — BARRA — CORRIDA — REGALO — BARRIGA — RICARDO — PERNA — PREGO — CHORÃO — SAL — SAPO — RASGO — SENHOR — BRAÇO — MESA — FALSO — SONHO — BISCA — DISCO — KAGADO — SIKÁ — DISPA — DESPACHO — PACHA — CHAPADA.

4) — **4º GRUPO OU CÍRCULO** — Consta de quatro sinais: as letras “T”, “U”, “Y” e o sinal especial de ERRO ou ANULATIVO.



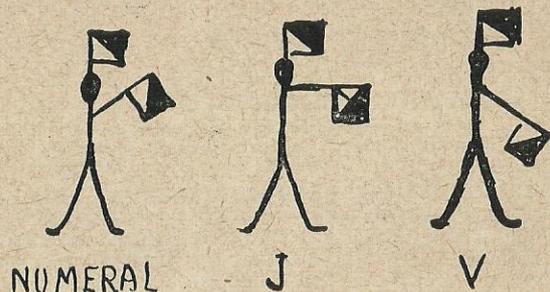
O braço direito fica na posição da letra “C” e o braço esquerdo começa na letra “D”. **NOTAS** — A letra “U” especialmente é muito fácil de guardar. Ela é “parenta” do “N” e do “R”. Foram omitidas as letras “V”, “W” e “X”.

A letra “Q” será praticada agora, que já temos também o “U”. O Anulativo deve ser usado quando V. errar devendo neste caso repetir a palavra errada desde o princípio.

**PRÁTICA NOS 4 PRIMEIROS CÍRCULOS** — TITIA — BATA — TELA — TU — TUTU — TUA — DEUS — FURO — MUDO — TABUA — GUARITA — CULPA — CHUPETA — QUASE — CHUY — QUERO — RUY — RIQUEZA — TUPY — MUQUECA — TUNEL — QUANTIA — ULTIMO — TULIPA — TIK (ERRO) — TIL — TYPO Q (ERRO) — KILOMETRO — GUAYAQUIL — PETULANTE — MUITO — PUBLICO — FUTURO — BRINQUEDO — MISTERIO —

BELKYS — FELICIDADES — QUERO DISER-LHE ALGUMA COISA QUE AINDA NÃO TENHA RECEBA (ERRO) IDO AMANHÃ IREMOS A NOVA YORK NO ESTADOS UNIDOS E NÃO A PORTO SEGURO NA BAHIA — HONTEM NÃO HOUVE REUNIAO MAS AMANHÃ DEVEMOS TER DUAS.

5) — **5º GRUPO OU CÍRCULO** — São três sinais: “NUMERAL”, “J” e “V”.



O braço direito permanece na posição da letra “D” e o esquerdo começa na letra “E”.

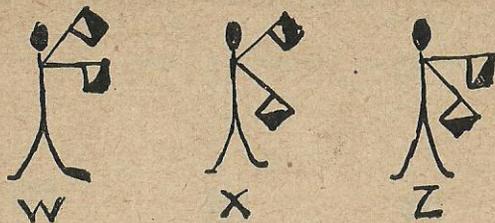
O sinal especial “NUMERAL” ou de “NUMEROS A SEGUIR”, indica que as letras que se lhe seguem passam a significar o algarismo correspondente, isto é: A = 1; B = 2; C = 3; D = 4; E = 5; F = 6; G = 7; H = 8; I = 9; K = 0.

A letra “J” que foi omitida no 2º Círculo também vale como sinal de ALFABETO ou “Deixei de transmitir números”.

Repita a prática anterior.

**PRÁTICA NOS CINCO PRIMEIROS CÍRCULOS** — CAJA — JANELA — ARROJADO — AJOELHADO — JAMANTA — BAJULAR — FAREJANDO — VIAGEM — JOVIAL — VIGARIO — SÃO JOÃO — EU VIAJAREI JUNTO A PORTA PORQUE VEREI O KY (ERRO) KILÔMETRO N.º 12 (J) VÁ JÁ AO N.º 503 (J) DA RUY (ERRO) RUA VICTOR — VEJA SE ESTÁ CHOVENDO — JÁ PODEMOS TRANSMITIR QUASI TÔDAS AS LETRAS DO ALFABETO — POIS NOS FALTA CONHECER APENAS TRÊS QUE NÃO SÃO DE USO GERAL NEM MUITO COMUM.

Redija Você próprio as mensagens que quiser, onde não entrem as letras "W", "X" e "Z".



6) — 6º GRUPO OU CÍRCULO — Consta de 2 letras ou sinais: "W" e "X". O braço esquerdo fica na posição da letra "E" e o braço direito começa no "F". Repita a prática anterior.

PRÁTICA NOS 6 CÍRCULOS: — WALKIRIA — WALDEMAR — KILOWATT — WASHINGTON — XUXU — PUJANTE — WEST — BAIXO — WILLY — EXULTANDO — QUIBEBE — CYBELE — A WANDA NASCEU NA WESTFALIA — XAREU — XAROE — UXORICIDIO — QUEPI — COXILHA — JUVENAL — FANNY — XISTO — Nº 469 (J) — WILSON — XODO — Nº 87 (ERRO) 850 (J) — EXIGENTE — YOLANDA — WILMA — ABACAXI — EXPERIMENTE — EXONERAR O EXIGENTE.

Continue redigindo as mensagens que quiser pois só nos falta agora a letra "Z".

7) — 7º CÍRCULO — Único sinal "Z": o braço esquerdo fica no "F" e o braço direito no "G".

PRÁTICA COM TODOS OS CÍRCULOS: — GIZ — FELIZ — GAZOMETRO — ZODIACO — O PEQUENINO ZULU VEIO DE ZANZIBAR — O FEIJÃO SOJA É O QUE HÁ DE MELHOR — A BARCA ZOÉ TEM O Nº 95362 (J) — A ZEBRA TEM UM X NAS COSTAS — A YOLE TEM (Nº) 8 (J) TRIPULANTES — O KAGADO ESTÁ W (ERRO) VIVO.

E agora redija as mensagens que quiser.

8) — Finalmente, aprenda as seguintes convenções a serem utilizadas nas transmissões semafóricas.

**ATENÇÃO** — Para atrair a atenção do outro posto, agite as bandeirolas entrecruzando-as sobre a cabeça.

**RESPOSTA** — Estou pronto a receber sua mensagem — "K".

**RECEBIDO** — Depois de receber corretamente cada palavra, o posto receptor deve transmitir a letra "R".

**NÃO ENTENDI** — Repita por favor: "RP".

**FIM DE MENSAGEM** — "AR" ou agitar as bandeirolas entrecruzando-as do lado direito do corpo e depois igualmente do lado esquerdo.

## ALFABETO SEMAFÓRICO



## CAPITULO VI

### OBSERVAÇÃO

Sob o título de Observação, definimos em Escotismo a capacidade que todos os Escoteiros devem desenvolver de não deixar nada escapar à atenção ou passar despercebido.

Em outras palavras, é a habilidade que têm os bons Escoteiros de usar seus olhos, ouvidos e todos os demais sentidos para perceber, observar e guardar com atenção coisas e fatos. Como vemos, a Memória também é aliada à Observação, para guardar com cuidado as coisas observadas.

Ambas as qualidades se adquirem e desenvolvem pela prática e as duas se completam, sendo igualmente importantes. Há muitos modos de praticar e o JOGO DO KIM, ao qual adiante nos referimos, é um deles.

Na verdade, em qualquer momento e em qualquer lugar V. pode praticar Observação.

Pare, por exemplo, na cidade diante de uma vitrine e examine os objetos durante um ou dois minutos; em seguida vire as costas e procure recordar quantos e quais os artigos que V. pode observar. O mesmo pode ser feito ao entrar em uma sala com relação aos móveis, pessoas, etc. Inicialmente basta recordar os nomes dos objetos mas depois, progressivamente procure guardar maiores detalhes e o maior número possível de informações sobre eles. Tudo é uma questão de treinamento.

### PISTAS

No campo a maneira mais comum, simples e necessária da Observação, consiste no seguimento de uma Pista. Por isso mesmo, uma das provas de segunda classe consiste em seguir-se uma pista de cerca de 800 metros de extensão, conseguindo-se percorrê-la corretamente no tempo máximo de 25 minutos. É óbvio que tudo dependerá da maior ou menor facilidade com que a pista foi preparada. Para preparar-se para esta prova V. terá, portanto, de praticar com outro Escoteiro; prepare V. mesmo uma pista para ele seguir e peça-lhe que simultaneamente, e em lugar próximo, prepare uma pista para V.. Inicialmente usem os sinais de pista aprendidos como Noviços. Isto pode ser praticado até num parque ou jardim ou mesmo dentro de casa usando pequenos retângulos de papel com sinais feitos a lápis. No campo, além dos sinais de pista escoteiros, podem ser usados pequenos pedaços de barbante de algodão branco ou fios de lã cortados de um novelo (de cor variável branco, vermelho, azul, etc.), papel picado ou qualquer outro processo. Invente outros métodos de acordo com o material disponível e aumente as dificuldades aos poucos, seja escolhendo indícios não muito visíveis ou perceptíveis no sólo, seja diminuindo sua quantidade e, simultaneamente, aumentando as distâncias entre eles.

Com o tempo e a prática V. adquirirá o hábito de perceber os mínimos detalhes da pista seguida pelos outros sem que eles tenham

que colocar ou deixar indícios propositais. Qualquer coisa, como a marca de um pé, da pata de um animal, da roda de uma bicicleta, ramos quebrados, capim amassado, restos de fôgo, papel ou comida, uma gota de sangue, um fósforo apagado, uma ponta de cigarro, etc., podem servir de indício ou fio da meada para reconstituir o que se passou, fornecendo uma resposta precisa a qualquer informação que buscamos. Note que a observação não se reduz ao sentido da visão. Não basta olhar! Os outros sentidos como o da audição, anotando sons e ruídos estranhos, o do olfato acusando cheiros e odores diferentes (fumaça, suor, etc.) e o próprio tato (usado especialmente à noite) devem ser desenvolvidos e completados pelas qualidades de inteligência e de dedução não só para, de antemão, selecionar e procurar os indícios que queremos e buscamos como também para analisá-los e dêsse indícios tirarmos as conclusões corretas e acertadas.



Tudo isso, tornamos a repetir, é uma questão de treinamento e para adquiri-lo V. terá sempre e permanentemente de treinar sozinho ou com um companheiro. Se possível, siga a ordem de dificuldade abaixo mencionada.

- 1) — Sinais de Pista Escoteiros, riscados no sólo, feitos com pedras, ramos e demais material natural, usado profusamente;
- 2) — Pistas de pedacinhos de barbante ou lã de cores branca, vermelha, azul, cinza, verde, etc;
- 3) — Novamente sinais de pista, diminuindo a quantidade, aumentando as distâncias entre eles. Não colocá-los em lugares muito visíveis, isto obriga a procurar outros detalhes como pegadas, capim amassado, etc.;
- 4) — Novamente pistas de lã, pedrinhas, papel picado, etc., en-

tremeados com pistas escoteiras. Diminuir também as quantidades e aumentar as distâncias. Escolher côres menos berrantes ou visíveis. Tender aos poucos para...

5) — Pistas naturais, sem indícios propositais ou voluntários; deixar apenas as pegadas naturais no capim amassado, ramos quebrados e indícios naturais de passagem.

### K I M

Kim é o personagem do romance do mesmo nome de Rudyard Kipling. Ele era um garoto, filho de um sargento irlandês aquartelado na Índia, onde ele foi criado. No romance, entre outras coisas, Kipling descreve o Jogo do Kim, aproveitado no Escotismo para treinamento de observação e memória. Ele deve ser utilizado no interior, sempre que não podemos praticar Observação ao ar livre. O Kim, como é por nós conhecido, deve também ser praticado com um



companheiro; cada um prepara para o outro observar. Sobre uma mesa são espalhados os mais variados objetos ou coisas; eles são cobertos com um pano, toalha ou lenço, descobertos por um minuto e depois novamente cobertos. O observador deverá então repetir (ou escrever num papel), a lista do que pôde observar. Deve-se progressivamente aumentar a dificuldade usando os seguintes processos:

- 1) — Começar com poucos objetos simples (10 a 15) e ir aumentando aos poucos o seu número (atingindo a 30 ou 35);
- 2) — Dificultar a definição dos objetos escolhendo peças estranhas, pouco comuns ou técnicas (por exemplo: tira linhas, parafuso sextavado, pino de segurança, bússola prismática, etc). Exigir a nomenclatura correta.
- 3) — Diminuir o tempo de exposição e o concedido para repetir o que fôr observado.
- 4) — Exigir cada vez mais detalhes sobre o objeto (num lápis deve se dizer a côr, a marca, com ou sem ponta; num relógio deve se dizer que horas marcava, como era seu mostrador, sua marca, etc; num vidro de remédio, qual o conteúdo, leiteiro, rôlha, etc).

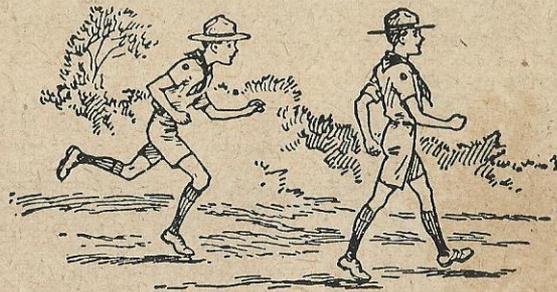
Em qualquer caso, é vedado tocar nos objetos. De qualquer forma esteja certo que esta prova é muito simples e constitui apenas uma verificação de que V. tem alguma capacidade de observação e memória. Não se satisfaça com isso! Continue a desenvolver-se, pois isto ser-lhe-á de grande utilidade na vida tóda e em qualquer profissão que V. venha a adotar no futuro.

### CAPITULO VII

#### PASSO ESCOTEIRO

O Passo Escoteiro consiste em alternar sucessivamente a corrida com o passo ordinário para percorrer uma certa distância. Não se trata de uma prova de velocidade. Ele oferece, sim, as vantagens de permitir cobrir em tempo relativamente curto, um percurso grande, com pouco esforço e sem grande fadiga.

O Passo Escoteiro foi muito usado na antiguidade (quando não havia meios rápidos de comunicação e transporte), para transmissão de ordens ou informações, com brevidade. Consta também que ele se originou da observação da marcha dos cães que geralmente entremeiam o trote com o passo para percorrer grandes distâncias, descansando enquanto usam uma andadura mais moderada; B.-P. introduziu-o no Escotismo depois de observar na África os IMPI-ZULÚS ou regimentos dos guerreiros zulús que em passo escoteiro percorriam à noite grandes distâncias em tempo relativamente curto (8 quilômetros por hora), indo cair inopinadamente sobre o inimigo, ao amanhecer, em excelentes condições físicas e de combate.



Aproveitando essa experiência, B.-P. recomenda que Escoteiros em atividades de Patrulha, competições ou exploração, desloquem-se incorporados e sempre usando o Passo Escoteiro, de coberta em coberta onde poderão estacionar e observar o terreno ou o "inimigo".

Uma Patrulha ao ser chamada pelo Chefe ou convocada para uma reunião sempre atende em passo escoteiro e se apresenta em

"acelerado". O mesmo deve fazer um Escoteiro isolado ao transmitir uma ordem.

O Passo Escoteiro ainda oferece a vantagem de, depois de algum treinamento, permitir uma avaliação do espaço percorrido e do tempo gasto em percorrer, sem necessidade do uso de um relógio.

Em geral o Passo Escoteiro consiste em realizar lances de 40 a 50 passos em marcha normal (20 a 25 passos duplos) e outros tantos em corrida (acelerado militar). Como já dissemos, o rendimento médio é de 8 quilômetros por hora, ou seja, dois quilômetros em 15 minutos (que é a média exigida na prova). Este resultado deve ser obtido pela prática. Para tanto V. deve treinar percorrendo uma distância conhecida (tirada da carta topográfica, estrada quilometrada, et.), fazendo o percurso sob controle do relógio. Você mesmo deverá determinar a velocidade e o número de passos que deve dar em cada lance, para fazer o percurso em mais de 14 e menos de 16 minutos. A técnica também exige que a boca fique fechada e a respiração se faça regularmente pelo nariz. O lance ou passo normal destiná-se à volta à calma (regularização do ritmo cardíaco, fluxo circulatório e normalização do movimento respiratório).

O passo escoteiro é ainda de grande utilidade na transmissão de ordens pela Cadeia de Repetidores. Neste caso, mais importante do que a rapidez é a recepção e transmissão correta da mensagem; isto comporta boas competições entre Patrulhas, mas depende de prática! **PRÁTICA! PRÁTICA!...**

## CAPITULO VIII

### FOGUEIRA

A arte de saber fazer um fogo no campo é de suma importância para um Escoteiro. Isto, à primeira vista parece simples e fácil mas na realidade exige um certo conhecimento, habilidade e prática. Um bom fogo é uma das coisas que torna mais cômoda, fácil e confortável a vida no acampamento.

Há vários tipos de fogueira, conforme os fins a que se destinam: cozinhar, iluminar, aquecer, sinalizar, Fogo de Conselho, etc.

Parece um pouco absurdo ensinar em letras de fôrma, a fazer fogo. Isto, como a maioria das coisas que temos ensinado, só se aprende praticando; de qualquer forma, leia atentamente estas instruções que lhe ajudarão muito; depois prepare e faça seus próprios fogos. Esteja certo, desde já, que sem treinar V. não passará na prova.

**PREPARAÇÃO** — Antes de acender um fogo lembre-se do que todo especialista faz: preparar o terreno, isto é, remover o mato, capim ou folhas secas, ramos, gravetos, etc., a fim de evitar que o fogo possa se espalhar pelo local ou provocar um incêndio. Conforme as dimensões da futura fogueira deve-se limpar o terreno num raio de um a dois metros e nunca se arma, também, um fogo sobre um gramado, para não se queimar a grama, sapear o solo ou deixar sinal de que foi feito fogo (um bom Escoteiro nunca deixa sinal de sua passagem!). É de boa técnica retirar com uma pá um certo número de leivas (ladrilhos de 20 a 30 centímetros de lado, de capim com

a terra onde ele está plantado). Desfeita a fogueira torna-se a colocar as leivas em seus próprios lugares, recompondo o terreno. Outro cuidado também importante é não fazer o fogo debaixo de árvores que poderão ser chamuscadas e até, pegar fogo.

Tomados êsses cuidados, a primeira coisa a fazer é colher a lenha que deve ser a necessária e suficiente, não só para preparar a fogueira, como também para manter o fogo durante o período desejado. Lenha verde recém colhida não é boa pois contém muita humidade. Iguamente não serve madeira morta e quebradiça encontrada sobre o solo. É preferível apanhar ramos secos e mortos das árvores (nunca esqueça de pedir permissão aos proprietários, para fazê-lo!).

A lenha colhida deve ser empilhada em três montes: um de troncos, toras e achas; um de aparas, lascas e ramos médios e outro de gravetos e raminhos. As pilhas devem ser montadas próximo da fogueira e do lado do vento (barlavento), para evitar incêndios e também proteger o fogo. Lenha húmida pode ser colocada próxima e em torno do fogo para secar ao calor.

Para preparar a fogueira propriamente dita, inicialmente verifique se o chão não está húmido ou molhado. Neste caso faça primeiro uma base ou plataforma de ramos secos e retos, colocados paralelamente sobre o chão para separar o fogo do solo.

Sobre esta base é que V. armará a sua fogueira.



Como não deve ser preparada a fogueira

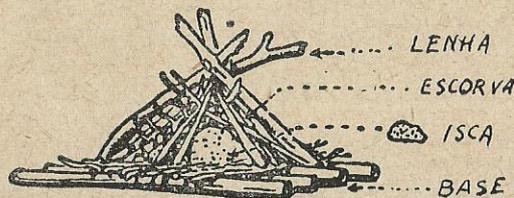
É erro muito comum nos principiantes, querer fazer logo de início uma grande fogueira. Um especialista treinado nunca faz isso. Em primeiro lugar se arma e se faz um pequeno fogo e só depois deste estar bem aceso e firme é que se vai aumentando a fogueira com

lenha cada vez mais grossa. Fôgo exige duas coisas: lenha e ar. É preciso, pois, que a fogueira tenha boa ventilação ou tiragem, pois o oxigênio do ar é indispensável à combustão da madeira; o ar frio deve, portanto, entrar livremente pelos lados ou por baixo e sair na parte superior com as chamas.

Para construir a fogueira comece armando a ISCA sôbre o sôlo ou plataforma. A ISCA é constituída de fôlhas sêcas, capim sêco, palha, pequenos gravetos de madeira leve e macia, lascas de cascas de árvores, tudo enfim que rãpidamente pegue fôgo e se inflame rãpidamente. Sua finalidade é fazer uma boa chama inicial. A isca não é boa para conservar o fôgo pois queima muito depressa; evite desde o principio o uso de papel e combustíveis artificiais (inclusive querosene e gasolina) para que V. não fique mal acostumado. A isca deve ser armada com uns cinco a dez centímetros de altura, bem fôta e aberta, para ventilação. Não esqueça também de deixar uma passagem lateral do lado do vento e espaço interior para introduzir o fôsforo acêso.

Sôbre a Isca, mas sem se apoiar sôbre ela, V. deve então ir empilhando, em cone ou pirâmide, ramos finos, gravetos maiores, lascas de lenha sêca, etc.

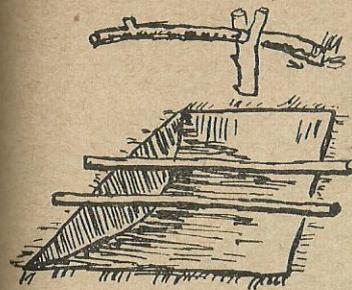
Isto constitui a ESCORVA destinada a receber e aumentar a chama rãpida da ISCA. Em geral é bom abrir os gravetos ao meio ou em quatro lascas e com uma faca levantar-lhes farpas finas, laterais em tôda sua extensão, para facilitar sua inflamação. A escolha da madeira da Escorva tem grande importância. Madeira leve e mole em geral não serve, pois quando pega fôgo, arde muito rãpidamente



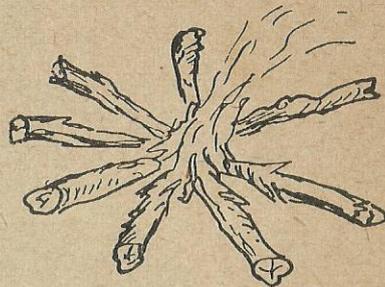
e se transforma em cinza sem conservar o fôgo e a chama. Isto pode suceder à Isca, mas a Escorva destina-se a formar pequenas brasas para conservar o fôgo e o calor. Não esqueça de deixar também, na Escorva, uma passagem correspondente a da Isca para passagem do fôsforo acêso.

Sôbre a Escorva e do mesmo modo sem apoiar-se nela, ponha então, ainda em cône ou pirâmide, alguns ramos ou galhos maiores, e algumas achas mais grossas, duras e pesadas, mas em pequena quantidade e bem sêcos. Este material é que constituirã realmente o principio de sua fogueira.

**ACENDER** — Não acenda o fôgo antes de ter tudo pronto e à mão. Só então risque o fôsforo, protegendo-o do vento até que o próprio palito se inflame. Introduza-o então sob a Isca. Se tornar a retirã-lo, sobre-o para apagã-lo. Um Noviço jogã-lo-ia longe. Um bom Escoteiro verifica se estã apagado e enterra-o no chão! Se fôr necessário ajude o fôgo, seja abanando-o para auxiliar a tiragem, seja

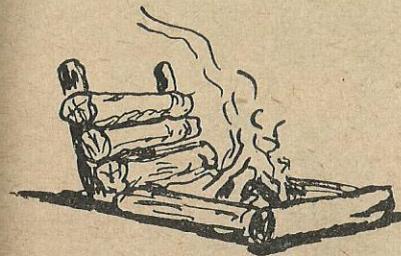


Fogo em Trincheira (cozinha)

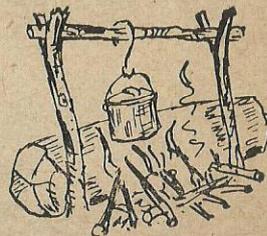


Fogo em Estrêla (luz, calor, duração)

utilizando-se de uma vara para melhorar o contacto da chama com a Escorva. Sômente quando as achas maiores exteriores estiverem



Refletor ou Canadense (calor)



Apoiado e protegido contra o vento.

ardendo é que V. poderã colocar troncos e tôras inteiras no fôgo. Estas devem de preferênciã ser colocadas no lado oposto ao vento (sotavento) para que êste leve as chamas sôbre êles.

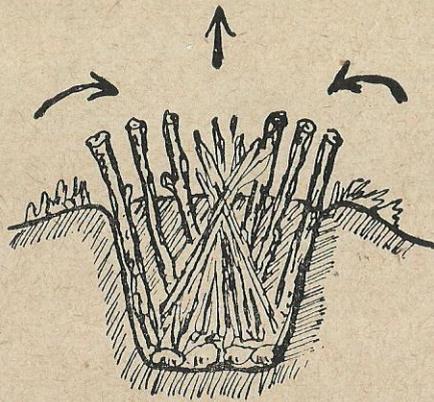
O que acima descrevemos é o tipo mais fácil e comum de fôgo. É a fogueira em pirâmide que se presta para qualquer finalidade, inclusive cozinha.

A prova de fogueira é um início nesta habilidade. Continue praticando e aprenda outros tipos de fogueira como os indicados nas figuras.



Fogo de Conselho

**EXTINÇÃO** — Não podíamos concluir êste capítulo sem dizer alguma coisa sobre a extinção do fogo. Um bom Escoteiro não deixa



Polinésio (enterrado e protegido)

sinal de sua passagem. Para apagar um fogo, separe os troncos e espalhe-os pelo terreno escondendo-os no mato ou enterrando-os. Respingue água sobre o resto do fogo até apagá-lo. Certifique-se de que está realmente apagado e que não restam brasas acêsas. Espalhe ou enterre as brasas, carvões, cinzas e restos de combustão. Espalhe ou terra fresca sobre o lugar ou coloque as leivas em suas posições. Disfarce bem a posição dando-lhe o mesmo aspecto anterior. Só assim, o "inimigo" não poderá assinalar a sua passagem.

## CAPITULO IX COZINHA

"Todo Escoteiro, naturalmente, deve saber preparar sua própria refeição (carne e legumes) e fazer pão sem utensílios normais de cozinha", diz B.—P. em seu livro "Escotismo para Jovens".  
Nesta prova não basta simplesmente V. ferver carne com ba-



tatas, mas cozinhá-las em condições tais que elas possam ser comidas com prazer! Trata-se, em realidade, de provar que V. é capaz de bastar-se a si próprio e que não vai morrer de fome no campo, estando apto a preparar, embora com simplicidade, uma refeição ao ar livre.

Abaixo damos algumas receitas ou fórmulas simples e fáceis de executar.

1) — **Carne com batatas** — Corte a carne em pedaços do tamanho de caixas de fósforos e passe-lhes um pouco de sal.

Ponha um pouco de gordura (meia colher de sopa) numa pequena panela (ou lata) e bote esta no fogo. Quando a gordura estiver quente, ponha dentro a carne, para corar, por uns cinco minutos, virando-a de vez em quando. Quando toda a carne estiver corada, despeje um pouco d'água na panela (fria ou quente), até que a carne fique coberta. Junte cebola e tomates cortados em rodela e um dente de alho socado (se houver e V. gostar d'esses temperos!). Tampe tudo e deixe cozinhar por uma hora. Espete a carne de vez em quando para verificar se já está cozida. Enquanto isto, descasque as batatas e corte-as ao meio. Quando a carne estiver começando a ficar cozida, ponha as batatas dentro da panela e deixe tudo cozinhar mais uns quinze ou vinte minutos. Espete também as batatas para ver se estão cozidas. Enfeite o prato com uma folhinha de alface e... bom proveito!

2) — **LEGUMES** — Cenouras, nabos, couve, repolho, etc., podem simplesmente ser cozidas n'água e sal. Ponha pouca água a ferver e somente depois coloque dentro as verduras, para poder aproveitar as vitaminas. Cubra com uma tampa e não deixe ferver demais. Verifique com um pau pontudo, quando os legumes estiverem cozidos. O caldo da fervura, que contém as vitaminas deve ser aproveitado. Se lhe juntarmos uma colher de extrato de carne, dá uma excelente sôpa.

3) — **MACARRÃO** — Constitui um bom prato para o campo. É muito alimentício, leve e fácil de transportar. Ponha água e sal a ferver. Bastante água, para que o macarrão não possa pegar no fundo da panela. Quando a água estiver fervente despeje dentro o macarrão e deixe-o cozinhar. Se fôr necessário, ponha mais água. Neste interim vamos preparar o mólho, pois aí é que está a arte. Numa frigideira (ou lata de goiabada vazia), ponha um pouco de gordura; quando ela estiver quente ponha umas rodela de cebola, alho picado e sal, mexendo de vez em quando para não pegar no fundo. Quando a cebola começar a corar, junte tomate aos pedaços e um pouco de água fria. Tampe para o tomate cozinhar e desmanchar; assim que os tomates estiverem desmanchados, o mólho está pronto; afaste-o ligeiramente do fogo para não queimar, nem esfriar e volte-mos à massa.

Quando esta estiver completamente cozida, tire a panela do fogo e escorra o resto da água. Lave o macarrão em água quente (adrede preparada), escorrendo bem para que ele fique solto. (Se tiver, use uma escumadeira), mas ela não faz falta a um bom "Mestre Cuca".

Ponha num prato, derrame o mólho por cima cobrindo o conjunto com queijo ralado. (Se V. fôr muito exigente, use Parmezol!). E não se esqueça de descansar um pouco depois d'êste... lauto almôço!

4) — **PÃO DE CAÇADOR** — Lave bem as mãos e sôbre uma pedra chata (tábua ou tampa de lata de biscoitos), faça um pequeno monte de farinha de trigo. Junte uma ou duas pitadas de sal e de fermento em pó (Pó Royal).

fermento em pó (Pó Royal).

Faça um buraco no centro e aí despeje um pouco d'água.

Comece a mexer e a amassar juntando mais água aos poucos, até dar uma boa consistência à massa. Passe farinha nas mãos, para não grudar e continue a amassar até deixar de grudar nas mãos.

Quando tudo estiver bem amassado (15 minutos), enrole

alongando-a como se fôsse uma cobra e enrosque-a em espiral em torno de um ramo verde. Ponha ao calor do fogo e deixe assar, não se esquecendo de torcer de vez em quando, para assar de todos os lados.

O pão de caçador deve ser comido enquanto quente, pois sendo guardado fica muito duro, embora seja ainda aproveitável.

E agora um último conselho: Verifique o que mais lhe agrada comer e faça no campo, suas próprias receitas levando na mochila apenas o necessário e indispensável.



## CAPITULO X

### ECONOMIA

Esta prova, aparentemente simples, visa a constatação de várias coisas importantes.

Em primeiro lugar é uma aplicação prática do artigo 9º da Lei. V. deve constituir um pequeno pecúlio, e ser capaz de paulatinamente ir aumentando suas economias próprias. Não se trata de juntar dinheiro com avareza, mas possuir alguns recursos próprios, o que constitui uma segurança para tempos mais difíceis e nos proporciona uma sensação de estabilidade e independência.

É óbvio que êsse dinheiro deve ser obtido por esforço próprio, trabalhando ou prestando pequenos serviços em sua própria casa; nunca deve ser pedido a quem quer que seja, mas obtido "com o suor do seu rosto". Assim V. saberá quanto êle custa e dar-lhe-á o devido valor, o que é de muita importância. Inversamente, esta circunstância dará também a V. uma sadia sensação de capacidade, de eficiência e de auto-suficiência.

O terceiro aspecto da prova é dar-lhe o necessário conhecimento e desembaraço para dirigir-se a um Banco e aí estabelecer uma conta corrente, sendo capaz de geri-la.

Isto é também um teste de sua capacidade de dirigir-se na vida prática com segurança e polidez. Neste sentido, posso adiantar-lhe as seguintes informações: a Caixa Econômica Federal e os inúmeros Bancos existentes no país recebem determinadas quantias em depósito e emitem as Cadernetas correspondentes, algumas vezes acompanhadas



de talões de cheques. Os Depósitos são classificados em vários títulos e o tipo mais aconselhado para V. é o Depósito Popular porque pode ser iniciado com uma pequena importância e proporciona juros de aproximadamente 5% ao ano, até um determinado limite máximo de depósito. Os juros são creditados na sua própria conta, de seis em seis meses. Há Bancos nos quais V. mesmo escreva sua caderneta; e há outros que se encarregam de fazê-lo. Em geral, no Pedido ou proposta de emissão de Caderneta, constam as condições da mesma, mas se tiver dúvidas consulte a pessoa que estiver lhe atendendo. Na Caixa Econômica por exemplo, somente aos maiores de 16 anos é que é permitido emitir e movimentar suas próprias cadernetas; quem tiver menos de 16 anos terá que indicar o nome do pai ou do responsável ou de pessoa que legalmente o represente e que movimentará sua Caderneta.

O último ponto desta prova consiste em V. demonstrar o devido zelo, cuidado e respeito não só pelo que é seu, mas também com os bens e propriedades alheios. Creio não ser necessário insistir neste aspecto da vida escoteira. Ela constitui um verdadeiro apanágio do Movimento, no mundo inteiro e essa é a melhor e a mais efetiva forma de economia, pois tudo que é bem tratado e bem cuidado dura o dobro, quando não dura a vida toda.

O cuidado que devemos ter com o que é nosso deve ser estendido não só aos bens de todos, como especialmente à propriedade coletiva ou pública. Como V. pode observar, não há maior demonstração de vandalismo do que o espetáculo de muros riscados, cadeiras quebradas, bancos de veículos rasgados, jardins e árvores danificados, etc.

## CAPITULO XI ÁRVORES

### ORAÇÃO DA FLORESTA

**HOMEM !**

Eu sou o calor de tua lareira nas frias noites de inverno,  
a sombra amiga quando abraza o sol de verão.

Eu sou a viga de teu teto, a tábua de tua mesa;

Eu sou o leito em que dormes e o lenho do qual tu fazes teus navios.

Eu sou o cabo de tua enxada e a porta de teu retiro.

Sou a madeira de teu bêrço e de teu caixão.

Eu sou o pão da bondade, a flôr da beleza. Escuta minha prece:

Não me destruas!... (\*)

**ÁRVORES** — Como V. sabe, a prova consiste em ser capaz de reconhecer dez diferentes árvores. Não se trata de um curso de Botânica e muito menos do conhecimento da enorme variedade de árvores que constituem a magnífica flora brasileira; nem este livrinho comportaria um trabalho deste gênero. Entretanto para ajudá-lo a vencer a prova, aqui selecionamos algumas das árvores mais comuns e interessantes do Brasil e a melhor maneira de caracterizá-las e reconhecê-las.

Deixamos também de mencionar nossas árvores frutíferas (laranjeira, mangueira, jaqueira, sapoti, etc., etc.), que são por demais nossas conhecidas, para dedicarmos exclusivamente às árvores características e predominantes em nossas florestas. Este trabalho é devido em sua grande totalidade, ao Dr. Leonam de Azevedo Penna, naturalista do Ministério da Agricultura, ao qual aqui testemunhamos nossos sinceros agradecimentos.

As árvores em questão são apresentadas em ordem alfabética, mas V. deve começar procurando identificar as mais fáceis, como sejam: Cajazeira, Canafístula, Eucalipto, Embaúba Branca, etc., etc.

(\*) Este texto figurou em letras de bronze na porta do Pavilhão da Iugoslávia, na Exposição Internacional de Paris, de 1937.

1) — AÇOITA-CAVALO — Árvore grande, atingindo até 16 metros de altura; casca pardo-acinzentada, com numerosos sulcos ao comprido; fôlhas oblongas e serreadas com pecíolo (1) curto; a fôlha tem



a face superior verde e a inferior dotada de uma pilosidade (pêlos) côm de ferrugem; floresce em fevereiro e março; flôres róseas ou brancas, em cachos; frutos em forma de cápsula (2), que se abre ao amadurecer; ela vegeta em terrenos sêcos e sua madeira é de côm esbranquiçada com manchas escuras; ela é muito usada para obras inter-

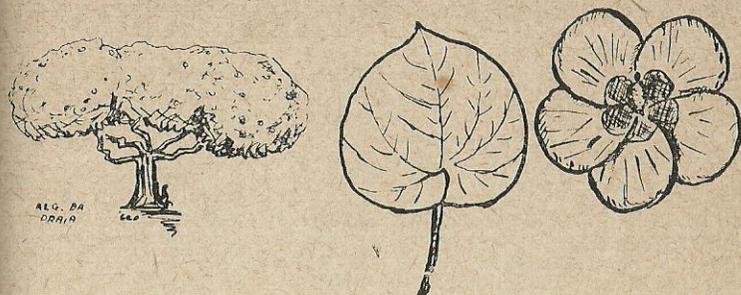


nas (3), fabricação de tamancos, formas de sapatos e coronhas de armas. É freqüente no Brasil, de São Paulo para o norte.

2) — ALGODOEIRO DA PRAIA (Algodoeiro da Índia ou Uacima da Praia) — Árvore de caule tortuoso, atingindo até 10 metros de altura; fôlhas oval-arredondadas (em forma de coração), com pecíolo longo, brancacentas e um pouco aveludadas na sua face inferior; flôres grandes, amarelas (com mancha vermelha na base das pétalas), dispostas em cachos nas pontas dos ramos; fruto em cápsula contendo sementes pretas, com sulcos (sulcadas). Ela vegeta, de preferência, à beira do mar e em lugares inundados (ou inundáveis), mas também adapta-se com facilidade em lugares sêcos e altos. Sua madeira é leve

- (1) Em Botânica, denomina-se pecíolo a haste da fôlha  
 (2) Chama-se Cápsula o fruto cascudo, duro e sêco  
 (3) Que não devam permanecer expostas ao tempo

e fraca, com cerne côm de rosa; é usada para fazer canoas, boias de rede de pescar e no fabrico de carvão para pólvora. De sua casca



extraem-se fibras resistentes com as quais se podem fazer cabos e redes de pescar.

3) — ANGIÇO — Árvore que atinge até 12 metros de altura; caule (tronco) de casca fina, escura, muito fendida e escamosa; suas fôlhas são compostas, com folíolos (4) numerosos, de côm verde clara ou amarelada; floresce de dezembro a janeiro, apresentando, então,

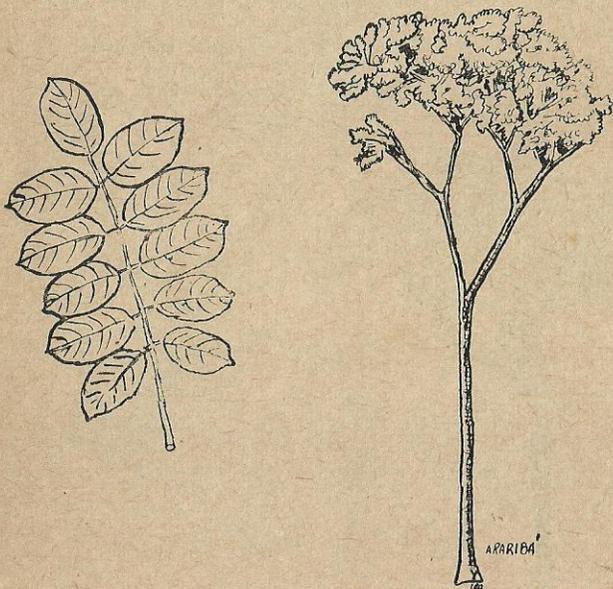


- (4) Folíolos são pequeninas folhas presas à um pecíolo comum

flôres amarelo-esverdeadas, pequenas, dispostas nas axilas (5) das folhas, nas pontas dos ramos; sua florada dura muitos meses, tornando-o muito bonito, ornamental e útil aos criadores de abelhas; o fruto é uma vagem coriácea (6) achatada que atinge até 16 centímetros de comprimento, estrangulada (1) e que contém umas sementezinhas muito pequenas.

Ele vegeta indiferentemente em terrenos sécos e húmidos e é comum desde o Ceará até o Rio Grande do Sul, em Minas Gerais e Mato Grosso. É empregado em esteios, postes, tabuado, vigas, dormente e obras externas (expostas ao tempo); as folhas e casca contém, ainda, tanino que é utilizado em curtumes.

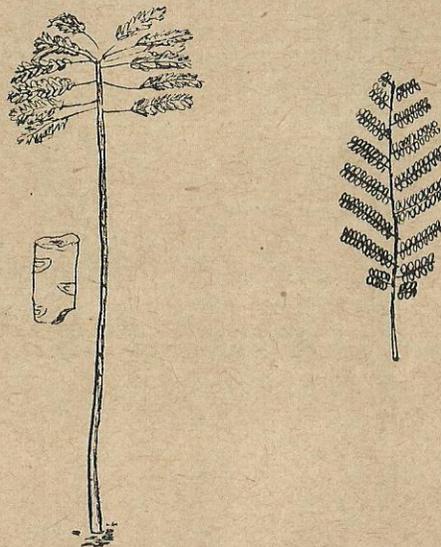
4) — ARARIBÁ — Árvore alta e frondosa, caule linheiro (simples e ereto); folhas compostas, com 13 à 17 folíolos oblongos com pilosidade na face superior e ferrugíneo-tomentosa na face inferior; as flôres apresentam-se em cachos terminais amplos; o fruto é característico: uma vagem grande, alada, (2) ferrugíneo-tomentosa, (3) espinhosa na base e contendo três sementes.



- (5) Axila — ponto em que o pecíolo se insere no caule de consistência do couro.  
 (6) Coriácea, de consistência semelhante à do couro.  
 (1) Apertada entre cada semente.  
 (2) Lâmina em forma de asa própria para transporte pelo vento.  
 (3) Pilosidade densa parecendo algodão, cor de ferrugem.

Durante a frutificação o Araribá é facilmente identificável pelos frutos característicos. Ele é exornifano da Bahia até São Paulo e Minas Gerais. A madeira é amarelo-escura com veios e raios cor de rosa; empregada em tanoaria, construção naval, esteios, vigas, moirões e obras externas;

5) — BACURUBÚ — (Bacuruvú, Guapiruvú ou Guapuruvú) — Árvore alta, de tronco linheiro liso e verde e muito longo, estando a copa muito alta; folhas compostas e grandes; as flôres são amarelas, em pendões terminais, mas na época da floração ele perde todas as folhas; seu fruto tem a forma de uma vagem grande, com sementes grandes e



chatas. É muito ornamental para parques e alamedas e fornece toras de 10 a 12 metros de comprimento por 60 cmts. à 1 metro de diâmetro. A madeira serve para obras internas, caixões, tamancos e pequenas canoas. A casca é rica em tanino e é também usada em curtumes.

6) — CAIXETA (Tabebuia, Tamanqueira, Corticeira ou Pau de Tamanco) — Árvore alta, de caule reto, com casca suberosa, (1) poucos galhos, folhas grandes e largas, alternas, com pecíolo longo, coriáceas oblongo-lanceoladas; as flôres são grandes amareladas ou brancas, com estrias de cor roxa, aromáticas e dispostas em cachos nas pontas dos

- (1) Consistência de cortiça, grossa e macia.

galhos; o fruto é uma cápsula preta atingindo até 15 cmts. de comprimento.

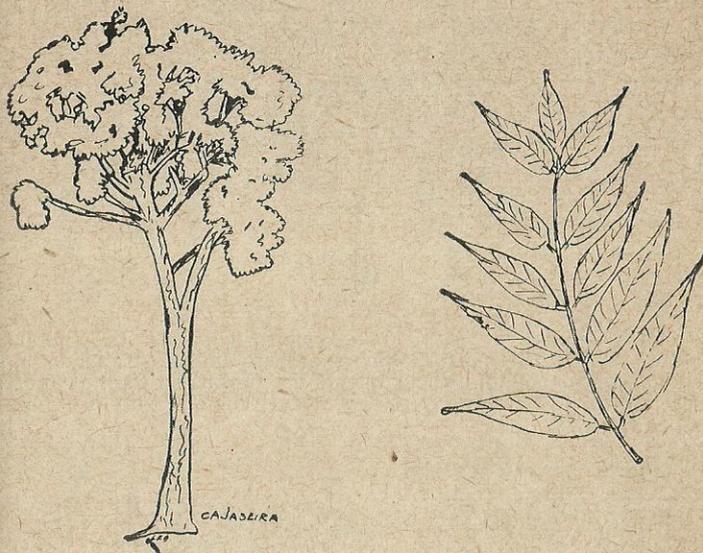
Ela vegeta tanto no sêco como em terrenos pantanosos; fornece uma madeira branca, muito fácil de trabalhar, própria para caixotaria, tábuas de fôrro, obras internas, tamancos, colheres de pau, etc., pois



não empena nem racha, ao sol. O lenho das raízes é leve, alvo e esponjoso, servindo para boias de rédes, salva-vidas e assentadores de navalha.

7) — CAJASEIRA (Cajá-Mirim ou Taperibá) — Árvore grande, frondosa, de caule linheiro, casca acinzentada ou brancacenta, espessa e bastante gretada; as folhas são compostas, 5 a 9 pares de folíolos opostos, oblongo-elípticos, grandes; as flôres são aromáticas e dispostas em cachos terminais; o fruto é pequeno, carnoso e de cor amarelo-alaranjada quando maduro, contendo polpa ácida, aromática comestível; é ótimo para a confecção de doces, geléias, sorvetes e refrigerantes.

Vegeta da Amazônia até São Paulo e Minas Gerais. Fornece madeira branca, fácil de trabalhar, própria para marcenaria, canoas, etc. É



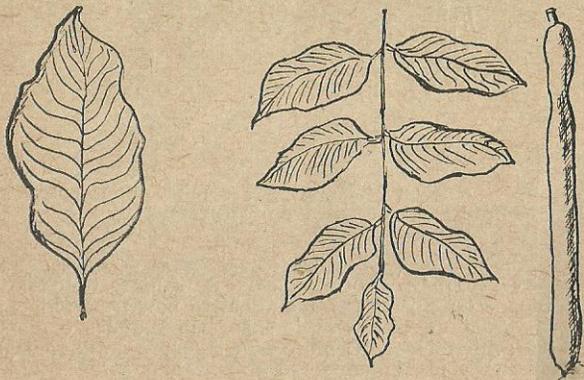
de rápido crescimento e indicada para sombreamento dos cacauais e cafésais; também boa para quebra-vento (proteção).

8) — CANAFISTULA (Canafistra, CASSIA IMPERIAL (1) ou CHUVA DE OURO) — Árvore pequena, de caule reto, casca lisa, cinzento-esverdeado ou cinzento-pálido (quando nova); as folhas são compostas e as flôres, de cor amarelo-ouro, são grandes e dispostas em cachos de 50 centímetros. O fruto tem a forma de uma vagem cilíndrica, lisa, lenhosa, preta quando sêca, com duas suturas laterais, uma em saliente, outra em canal; atinge até 65 centímetros e contém de 40 a 100 sementes arredondadas e achatadas envoltas numa polpa escura

(1) Erradamente denominada Acácia Imperial.

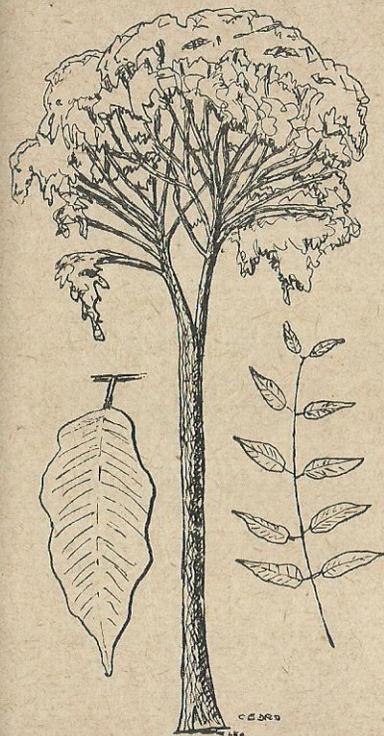


e de cheiro enjoativo. É planta exótica, original da Ásia, porém já bastante disseminada nos Estados litorâneos do Brasil, sendo muito usada como ornamento, principalmente nos jardins da Capital Federal. Fornece madeira de cerne duro, difícil de trabalhar, porém de grande



durabilidade, própria para obras de tórno, marcenaria de luxo, construção naval, postes, esteios, cabos de ferramentas, etc. A casca tem cêrea de 12% de tanino, servindo para curtume.

9) — CEDRO — Árvore grande, atingindo até 30 metros de altura e um metro de diâmetro; casca grossa, fendida e rugosa; fôlhas grandes, compostas, com folíolos opostos, glabros (1) na face superior e pilosos e aveludados na face inferior; flôres alvas, dispostas em cachos terminais; o fruto é uma cápsula ovoide-oblonga (em forma de pêra), lenhosa, atingindo até 8 centímetros de comprimento e contendo numerosas sementes. É comum em todo o território brasileiro e padrão de terra boa para a agricultura. Fornece madeira de côr variável, desde o branco até o vermelho; próprio para canoas, tabuado de fôrro, esquadrias, carroçaria, marcenaria, obras de talha, lápis, caixas de charutos e quaisquer outros trabalhos delicados. O cedro é de rápido crescimento e pode ser reproduzido por meio de estacas (2); é muito comum encontrar-se moirões feitos de cedro verde e com casca, que brotam e formam nova árvore.

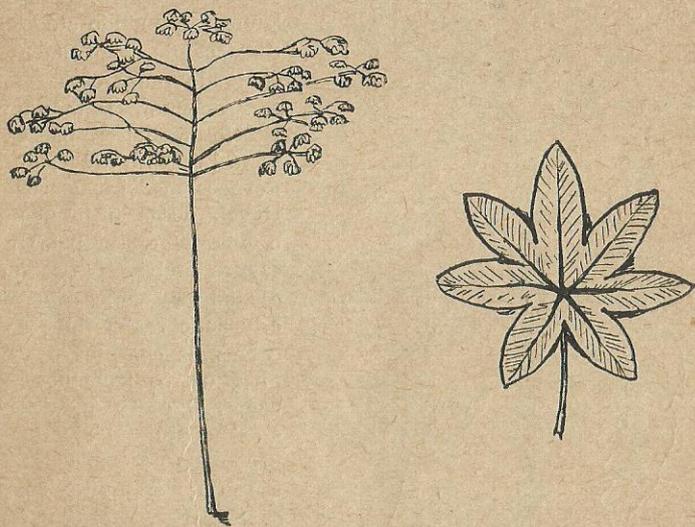


10) — EMBAÚBA BRANCA (Imbaúba) — É uma árvore pequena, de tronco alto e fino, com pouca ramificação, casca branca, fina e lisa; fôlhas muito grandes, recortadas, com pecíolo muito comprido e tendo a face inferior áspera, branca, tornando a planta muito nítida

(1) Liso e sem pêlos.

(2) Fega de galho.

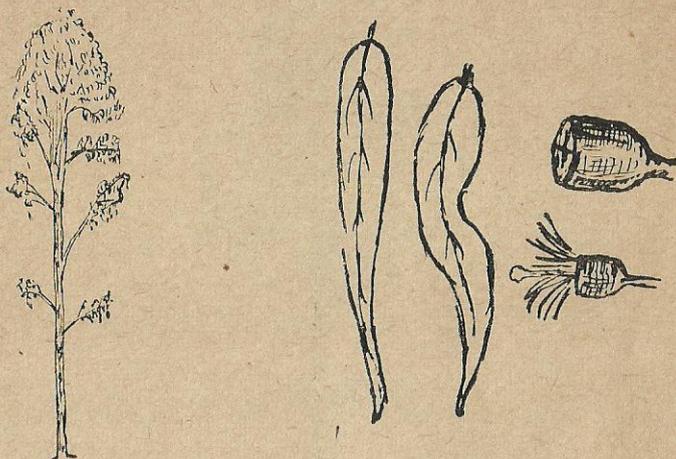
e visível à distância, entre as demais, na floresta. Não tem valor comercial. O tronco é ôco e costuma abrigar certo número de formigas, não servindo para lenha. É comumente usada na roça para fazer rêgos



e canais para condução d'água; os brôtos são muito apreciados pelo quadrúpede vulgarmente conhecido como "Preguiça".

11) — EUCALIPTO — Árvore muito conhecida, da qual existem algumas centenas de espécies diferentes. É oriunda da Austrália mas atualmente está aclimatada em todo o território brasileiro. E' árvore

grande, de tronco grosso, casca lisa em umas espécies e rugosa em outras; fôlha simples, de formas variáveis (compridas, largas, estreitas, elípticas, redondas, etc.), conforme a espécie, porém tôdas rescendendo



forte aroma característico, quando machucadas entre os dedos, sendo que a espécie CITRIODORA rescende a limão. As flôres em geral são brancacentas com grande quantidade de estames, (1) assemelhando-se a um pincel; o fruto é uma cápsula com a forma de um pequeno cálice, contendo numerosas sementes pretas, miúdas. É muito usada no replantio das matas derrubadas, devido ao seu rápido crescimento; a essência aromática que êle produz é medicinal e de largo emprêgo em medicina e perfumaria. A madeira serve em geral para dormentes, esteios, postes e construção civil (vigas, balaustres, ripas, etc.). É ótima lenha.

(1) Filetes que saem do centro das flôres, em número variável e destinados à reprodução.

12) — FÓLHA DE BÓLO (Fôlha Larga, Mangalô ou Pereiro) — Árvore grande, de ramos tortuosos cobertos de pêlos ferrugíneos, fôlhas grandes, compostas, tendo os folíolos cobertos de pêlos moles, ferrugíneos na face inferior. Floresca em março e abril; suas flôres



são pequenas e côr de violeta, tendendo para o branco; o fruto é uma vagem larga, plana, também revestida de pêlo ferrugíneo. É muito comum nas matas da Serra dos Órgãos e de Minas Gerais. A madeira, de cerne amarelo ou vermelho é empregada em tanoaria, tábuados, esteios, vigas e obras externas.

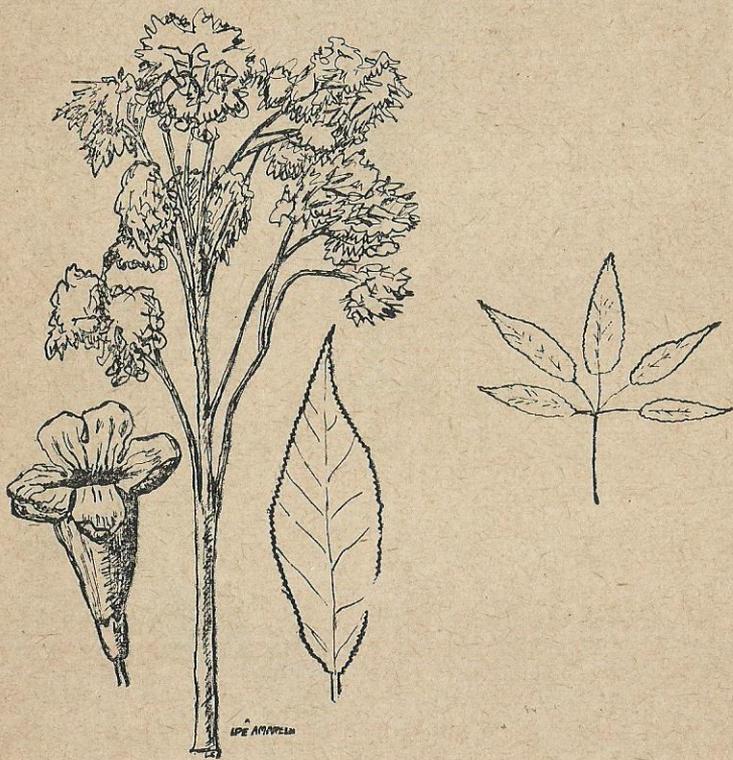
13) — GARAPA — Árvore erecta e pouco frondosa; as fôlhas são isoladas, grandes e grossas. O lenho cortado, quando verde res- cende odôr semelhante ao do caldo de cana, dando origem ao seu no-

me; sua madeira é amarela, dura e boa para construção naval, marce- naria, esteios, dormentes, etc. É árvore muito comum nos Estados do



Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo e especial- mente nas matas da Serra do Mar.

14) — IPÊ AMARELO — Árvore de altura média; tronco grosso e casca pardacenta; fôlhas digitadas (1) e pecioladas com 5 a 7 folíolos, ovais, oblongos ou lanceolados, (2) borda serrilhada; o Ipê perde as fôlhas todos os anos e as flôres amarelas, grandes e em forma de campânula aparecem antes da nova brotação da árvore, geralmente em julho, agosto e setembro, abrindo primeiro as flôres dos galhos mais baixos e por último as da extremidade superior da copa.

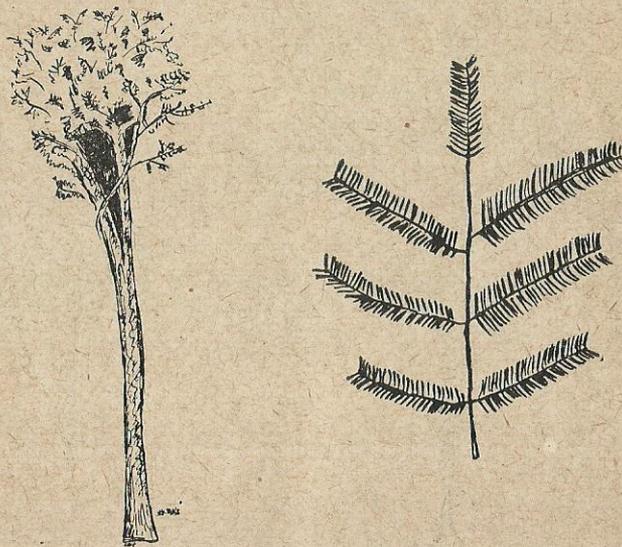


É comum no Brasil, de norte a sul e de leste a oeste e foi escolhida para ser a "Flôr Nacional" de nosso país, por ser uma das árvo-

- (1) Compostas, saindo todos os folíolos do mesmo ponto.  
 (2) Alongada em forma de lança.

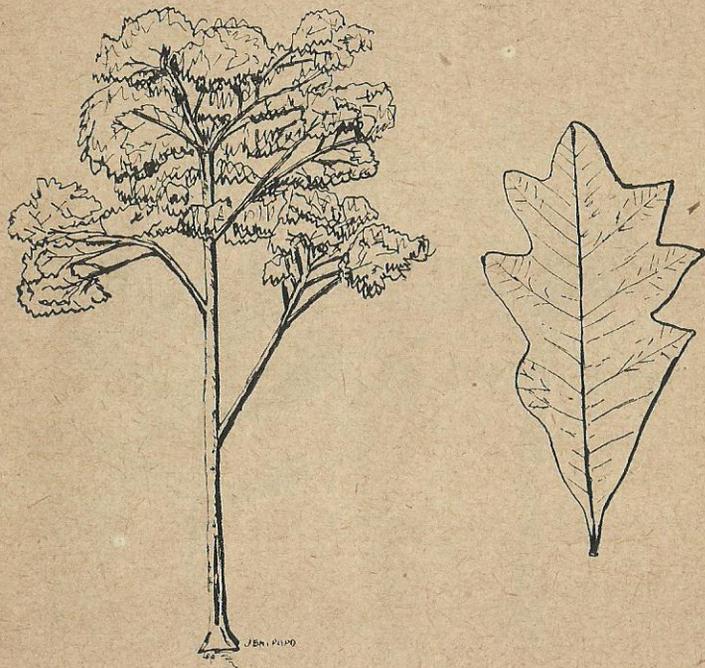
res mais populares e conhecida por quase todos os brasileiros, tanto das cidades como da zona rural. Produz madeira de cerne duro, de cor quase preta, empregada em marcenaria, tanoaria, carroçaria, postes, esteios e cabos de ferramentas.

15) — JACARÉ — Árvore regular, pouco frondosa, de casca muito grossa e fendida, com serrilhas ou lâminas nos galhos novos, dando origem ao seu nome; as fôlhas são compostas de folíolos miúdos;

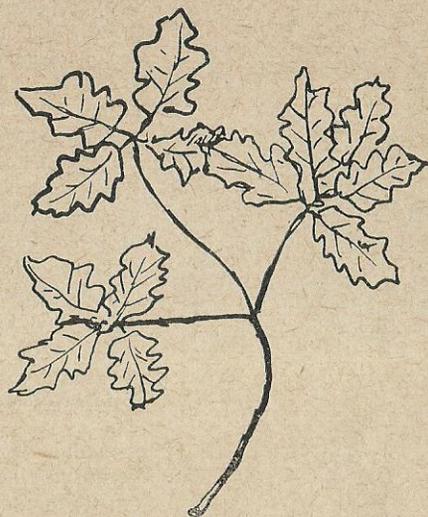


o fruto é uma vagem pequena semelhante a do feijão; sua madeira é branca e compacta, porém macia ao talhe. É aplicada em obras internas e produz boa lenha e excelente carvão. A casca contém muito tanino, sendo também empregada em curtumes. É empregada também no sombreamento de cafêsais e cacauais.

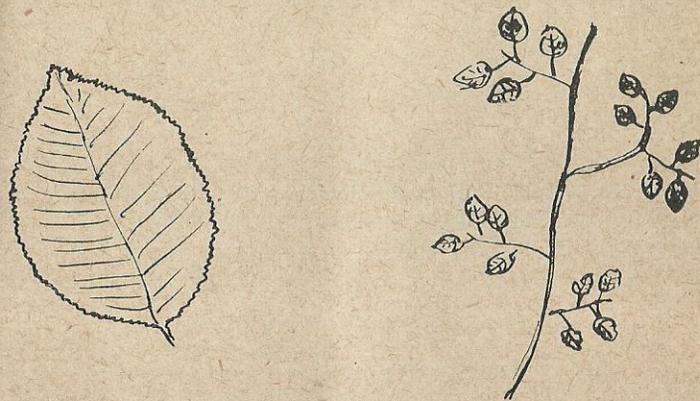
16) — JENIPAPO — Árvore muito alta e frondosa; casca cinzenta ou parda, manchada; folhas grandes, oblongas, luzidias e opostas; as flôres são amarelas, grandes e tubulosas; o fruto é grande, redondo, doce, odorante e comestível. A madeira é de côr amarelo-

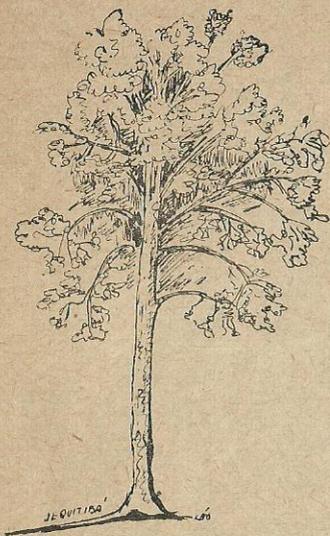


elara, ótima para construção naval, segeria, cabos de ferramenta, peças para máquinas agrícolas, raquetes de tennis e obras de marcenaria que exijam elasticidade de madeira.



17) — JEQUITIBÁ — Árvore grande, de tronco grosso, linheiro, casca rugosa; folhas com 8 à 10 cmts. de comprimento, 2 à 4 de largura, oblongas, glabras na face superior e levemente pilosas na infe-





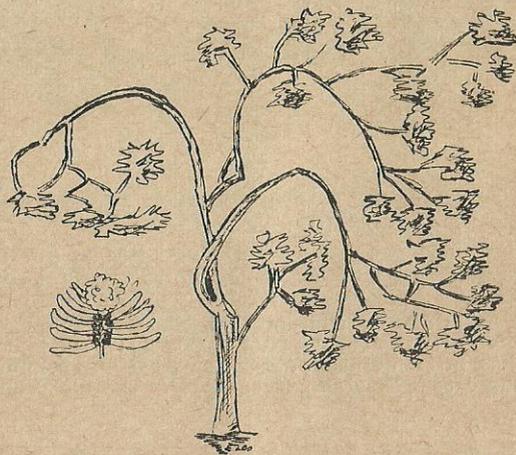
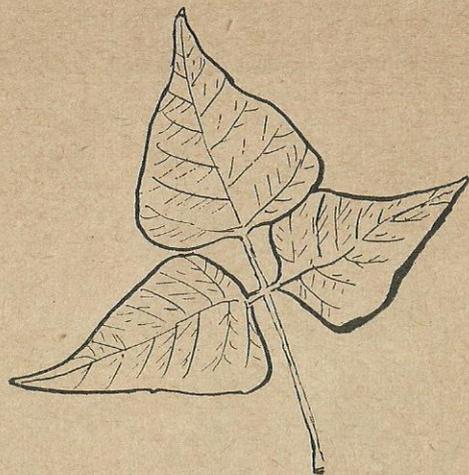
É uma das maiores árvores da flora brasileira, existindo exemplares cujo tronco atinge mais de 2 metros de diâmetro.

18) — MULUNGU (CANIVETE OU SUINÃ) — Árvore pequena; as folhas são ternadas (1) longo pecioladas e de folíolos grandes (15 à 30 cmts. de comprimento, 10 à 26 de largura), glabras na face superior e pubescentes na inferior; o Mulungu floresce de agosto à outubro e

(1) Compostas com três folíolos.

rior; floresce em junho e julho e as flôres são grandes, amarelo-claras em pendões terminais ou axilares. O fruto é uma cápsula pequena. É muito comum nas matas do Distrito Federal (onde há soberbos exemplares), e bastante freqüente nos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo. Produz madeira bôa para tábuas de fôrro, esquadrias, caixotaria e canoas.

É uma das maiores árvores da flora brasileira, existindo exemplares cujo tronco atinge a mais de 2 metros de diâmetro.



perde as folhas por ocasião da floração; as flôres são rubras, em feição de pequena faca; elas surgem nas pontas dos galhos dando aspecto característico; é planta apenas ornamental.

19) — PAINEIRA — Árvore muito conhecida e popular; é grande, de tronco e ramos guarnecidos de acúleos; (1) as folhas são digitadas, longo-pecioladas, cinco à sete folíolos grandes, glabros nas duas faces e de margens serrilhadas; as flôres são grandes, purpúreas ou quase rubras, surgindo com as folhas novas; o fruto é uma cápsula grande que se abre ao amadurecer, soltando as pequenas sementes presas à flôcos brancos, delicados (paina), os quais são empregados na confecção de traveseiros e almofadas



É uma bela árvore durante a florescência e quando os frutos se abrem e por isso mesmo boa para parques e arborização de estradas. É de rápido crescimento e comum em todo o Brasil. Sua madeira é fraca, sômente usada em tabuados de fôrrô e caixotaria comum.

20 — PAU BRASIL (Ibirapitanga, Pau Pernambuco ou Brasileto) — Árvore grande com tronco e ramos guarnecidos de acúleos; fôlhas compostas, brilhantes; as flôres são amarelo-ouro com uma pétala muito vermelha e com odor agradável, típico. O fruto é uma vagem

(1) Espinho facilmente destacável existente nas cascas de certos vegetais.

verucosa. (1) A madeira, côr de brasa, teve antigamente grande valor comercial, sendo exportada para a Europa para o fabrico de tinta vermelha; serviu para dar o nome ao nosso país. Ocorria com abundância

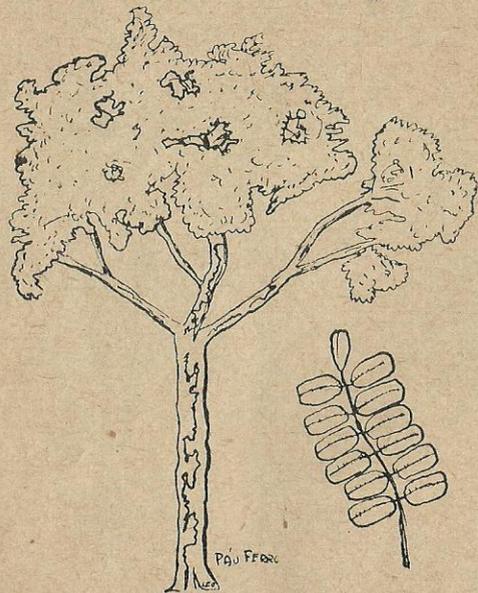


no litoral, desde o Estado de Pernambuco ao do Rio de Janeiro, porém, devido a derrubada impiedosa, hoje é muito rara; é árvore de crescimento demorado e geralmente pouco conhecida pela maioria da população brasileira, apesar de seu grande interêsse histórico.

21) — PAU FERRO — Árvore grande, de tronco liso, com manchas brancas (semeilhante aos troncos da goiabeira e jaboticabeira); as fôlhas são compostas, de 17 cmts. de comprimento; as flôres são em

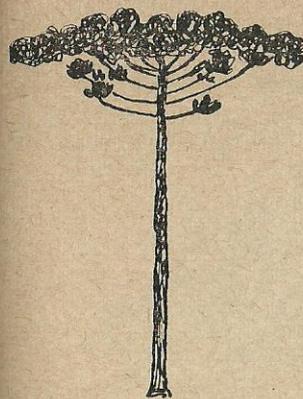
(1) Áspera como verruga.

penão compacto, de cor amarelo-brilhante; o fruto é uma vagem quase reta de 5 a 7 cms. de comprimento. A madeira, de cerne muito duro (daí o seu nome), dá grandes tóras (10 a 12 metros), empregadas em



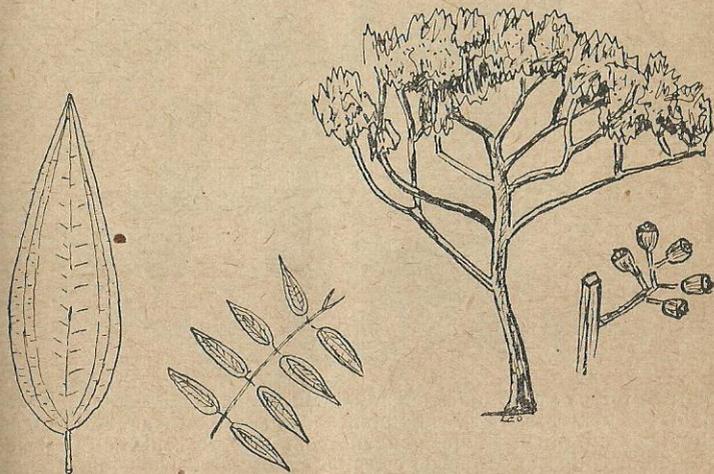
vigas, postes e esteios que podem ser empregados em lugares húmidos, pois é de difícil apodrecimento. É árvore muito bonita, boa para parques e alamedas.

22) — PINHEIRO DO PARANÁ — Árvore grande, de porte sui generis; tronco linheiro, grosso, de cor parda com ramos sempre no



alto, dispostos em "andares" espaçados; folhas lanceoladas agudas, rígidas; as flores são dispostas em inflorescências que parecem frutos; os frutos, realmente, são grandes e lenhosos, contendo numerosas sementes, vulgarmente denominadas pinhão, que são comestíveis. Ocorre nos Estados do Sul e nas partes altas de Minas Gerais e Rio de Janeiro. A madeira, branca, é utilíssima para tabuados, caixotaria, lápis e obras leves. É muito explorado nos Estados do Paraná e Santa Catarina, donde é exportada sua madeira para os demais Estados do Brasil e para o exterior.

23) — QUARESMEIRA (FLOR DA QUARESMA OU QUARESMA) — Árvore pequena com ramos tetragonos, (1) cobertos de pêlos curtos; as folhas grandes, são oblongo-lanceoladas com pecíolo curto e



(1) De corte quadrado.

Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Fornece madeira de côr branca, ou parda, com manchas e veios vermelhos acentuados. Empregada em construção naval, marcenaria, carroçaria, esteios, dormentes, etc. O fruto é usado como vaso para diversos fins e trabalhado no tórno e envernizado dá interessante objeto de adôrno e de uso doméstico; êle deu origem ao ditado popular: "Macaco velho não mete mão em combuca".

### RESPOSTAS AS PERGUNTAS DA PÁGINA 10

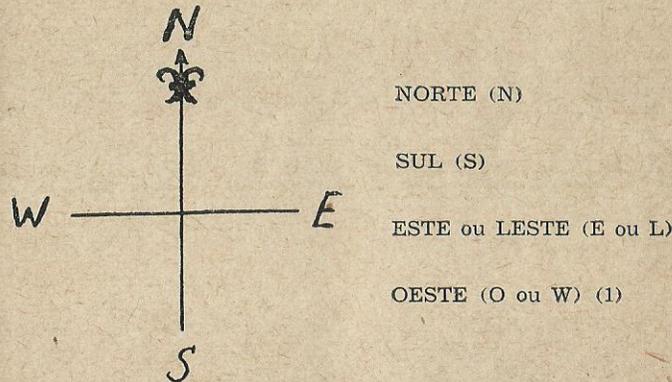
- 1) — A Promessa e a Lei.
- 2) — O Serviço ao Próximo, base de tôda a Religião.
- 3) — Verde.
- 4) — 8.
- 5) — Para baixo.
- 6) — O primeiro a ver o outro.
- 7) — Presilha do chapéu passado sob o queixo.
- 8) — Fitas de Patrulha no ombro direito.
- 9) — Estrelas de atividade à direita.
- 10) — Distintivo do Movimento fora do lugar.
- 11) — Cinto não regulamentar.
- 12) — A volta não correr.
- 13) — Salvamentos.
- 14) — Quando os cabos são finos.
- 15) — Encurtamento e Segurança (fortalecimento de uma parte fraca ou poida).
- 16) — Eu voltei para casa.
- 17) — Francisco Manuel da Silva.
- 18) — Para se respirar ar puro, não confinado.
- 19) — Lavar e desinfetar as próprias mãos.
- 20) — Na de 1º gráu a pele fica apenas avermelhada;  
Na de 2º gráu a pele fica empolada ou forma bôlhas.

## CAPITULO XII ROSA DOS VENTOS

A Rosa dos Ventos (ou Rosa Náutica) é a figura plana e horizontal de uma estrêla de 16, 32 ou mais pontas as quais indicam as várias direções ou rumos que podemos seguir, partindo do ponto onde estamos (Centro, Ponto de Estação, Estação ou Posição). Geralmente encontramos a Rosa dos Ventos representada nas Bússolas ou Compasos Marítimos. Ela abrange naturalmente um círculo completo, ou de 360 grâus.

Como V. verá mais abaixo, não há necessidade de decorar os nomes dos rumos ou pontos; êles são formados lógicamente, partindo dos mais importantes:

1) — Os 4 Rumos ou Pontos Principais são os nossos conhecidos Pontos Cardiais:

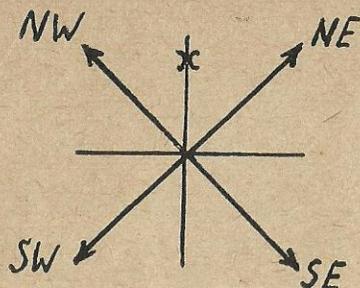


Êles formam entre si quatro ângulos retos ou de 90 grâus, os quais são contados a partir do NORTE (origem ou zero), e no sentido dos ponteiros do relógio. Assim: N (0º ou 360º); E (90º); S (180º); W (270º).

2) — A primeira subdivisão da Rosa é feita entre êsses quatro pontos, dividindo ao meio cada ângulo reto intermediário, o que nos dá agora ângulos ou aberturas de 45º. Êstes novos rumos são denominados Pontos Colaterais e seus nomes são formados pela combinação ou composição dos nomes dos pontos cardiais, colocando-se sempre

(1) W é a inicial de OESTE em Inglês: WEST.

em primeiro lugar o Norte e o Sul, por serem mais importantes. A formação das letras convencionais faz-se de maneira idêntica e assim temos:



Nordeste (45°);

Sudeste (135°);

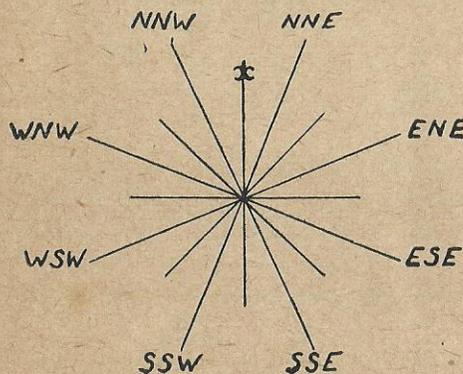
Sudoeste (225°);

Noroeste (315°).

Observe que o giro do horizonte já nos dá agora, oito direções, compreendendo os pontos cardiais e colaterais.

3) — Se dividirmos, agora, ao meio cada abertura compreendida entre os rumos, direções ou pontos já conhecidos, teremos mais oito novos pontos, denominados Sub-Colaterais, que com os oito já assinalados nos fornecem agora 16 rumos intervalados por ângulos ou aberturas de 22 graus e meio (22° 30'). (\*)

Para darmos nomes aos pontos Sub-Colaterais e estabelecer as letras convencionais, a regra ainda é a mesma: composição dos nomes dos rumos adjacentes, colocando-se em primeiro lugar os mais importantes, que no caso são os Cardiais. Assim temos:



Nor-Nordeste (NNE)

Les-Nordeste (ENE)

Les-Sueste (ESE)

Su-Sueste (SSE)

Su-Sudoeste (SSW)

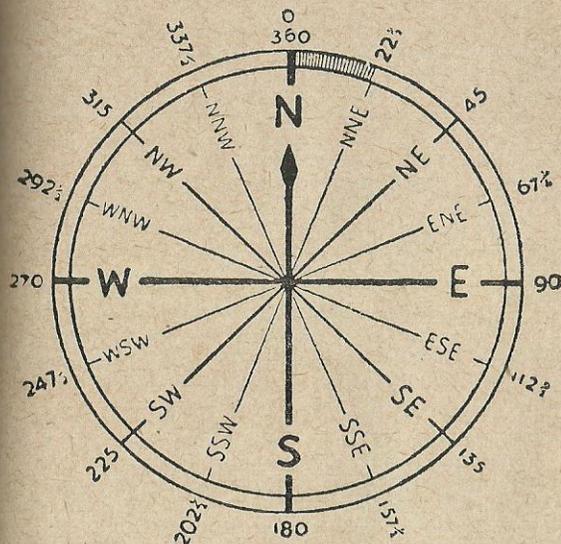
Oes-Sudoeste (WSW)

Oes-Noroeste (WNW)

Nor-Noroeste (NNW)

(\*) O grau tem sessenta minutos (60') e o minuto sessenta segundos (60'').

E agora podemos fazer a tabela dos 16 pontos:



N = O ou 360°

NNE = 22° 30'

NE = 45°

ENE = 67° 30'

E = 90°

ESE = 112° 30'

SE = 135°

SSE = 157° 30'

S = 90°

SSW = 202° 30'

SW = 250°

WSW = 247° 30'

W = 270°

WNW = 292° 30'

NW = 315°

NNW = 337° 30'

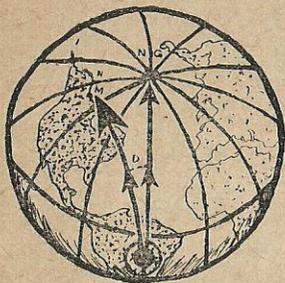
## CAPITULO XIII ORIENTAÇÃO

Se V. se encontrasse repentinamente perdido num deserto, em plena floresta ou em alto mar, precisaria "orientar-se", para saber que rumo ou direção deveria tomar para chegar ao ponto de destino.

O conhecimento da Rosa dos Ventos adquirido no capítulo anterior já nos permitiu saber definir os vários rumos ou direções principais existentes, mas agora precisamos identificar essas direções no terreno. Conhecendo-se uma delas as outras estarão também naturalmente fixadas e entre elas a que devemos tomar para sair do lugar no qual estamos, desorientados. Estaremos, portanto, nos "orientando".

Isto é muito fácil quando possuímos uma Bússola ou Compasso Náutico. O uso da Bússola é um dos processos mais fáceis (e relativamente precisos) de orientação.

1) — BÚSSOLA — A Bússola, de um modo geral, é constituída por uma caixa ou estojo, tendo gravado no fundo uma Rosa dos Ventos e dispendo no centro de uma agulha imantada apoiada sôbre um estilete (Quício), que lhe permite girar em tôdas as direções.



Devido à atração magnética da terra, a ponta da agulha sempre se orienta na direção de um ponto da superfície do globo situado na Península de Boothia no Norte do Canadá. Este ponto é denominado Polo Norte Magnético e êle dista cerca de 2.000 quilômetros do Polo Norte Verdadeiro (ou Geográfico). Em consequência dêste fato existe um desvio ou diferença angular entre a direção indicada pela agulha (Norte Magnético), e o Norte Verdadeiro. Esta diferença é denominada Declinação e ela é, naturalmente, variável de acôrdo com o

lugar da superfície do globo onde está a Bússola. Devido à razões que não vêm ao caso, a declinação também varia, no mesmo lugar, com o correr dos anos.

A declinação no Rio de Janeiro, por exemplo, em 1950 era 14° 30' W (14 graus e 30 minutos) e agora em 1954 seu valor é de 15° 30' W (15 graus e 30 minutos). Isto significa que, no Rio de Janeiro, o Norte Verdadeiro ou Geográfico, estará 15° 30' (15 graus e 30 minutos) à direita da direção indicada pela agulha (que é o Norte Magnético).

Quando não necessitamos de muita precisão podemos confundir os dois Polos, tomando um pelo outro; o erro que se comete é o do próprio valor atual da declinação.

Fazendo-se portanto coincidir a ponta azul da agulha com o Norte da Rosa dos Ventos do estojo, teremos êste imediatamente "orientado", e cada direção da Rosa dos Ventos coincidindo com a sua correspondente (ou homologa) do terreno e dêste modo poderemos marchar na direção desejada (Norte, Sul, Sudoeste, etc., etc.). Tome uma bússola e experimente fazê-lo.

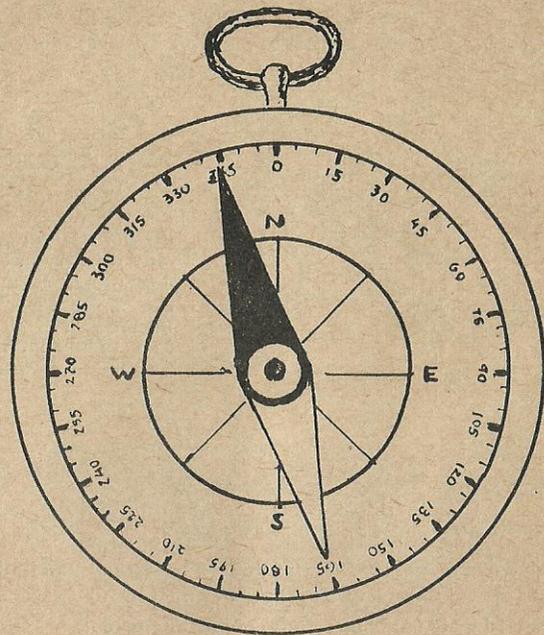
Há bússolas que têm gravada na Rosa dos Ventos a direção do Norte Magnético, com o qual se deve fazer coincidir a agulha. Isto implica em fazer-se automaticamente a correção da Declinação.

É, porém, preciso ter cuidado em usar êste artifício, pois, como já dissemos, a declinação é variável. Se a bússola é muito velha ou, por exemplo, construída na França, corremos o risco de introduzir uma correção da Declinação, muito diferente da que ela é realmente no Brasil e no local onde estamos. É preciso, portanto, conferir o va-

lor da Declinação registrada no aparelho com o seu valor atual ou real, antes de usarmos uma bússola nestas condições.

São os seguintes os valores atuais (1954) aproximados da Declinação nas seguintes cidades do Brasil:

RIO DE JANEIRO	15° 30' W	— aumento anual, aproximado 6' 30'';
RECIFE	20° 50' W	— aumento anual, aproximado 4' 30'';
SÃO PAULO	12° 30' W	— aumento anual, aproximado 7';
CURITIBA	10° 30' W	— aumento anual, aproximado 7';
PORTO ALEGRE	6° 30' W	— aumento anual, aproximado 7'.



**BUSSOLA ORIENTADA** — Foi introduzida a correção da declinação de 15 W. A agulha aponta o Norte Magnético e o N do estojo o Norte Verdadeiro.

Conhecendo o valor da Declinação no lugar onde mora, V. pode introduzir sua correção na bússola e determinar o Norte Geográ-

fico ou Verdadeiro. Se V. está interessado em conhecer o valor da Declinação na sua cidade, escreva-me.

Finalmente, tenha cuidado de não usar uma bússola próximo a trilhos, fios condutores de eletricidade, machados, facas, canivetes, e toda e qualquer massa de ferro ou minério de ferro, pois tudo isto interfere na agulha.

Quando não possuímos uma bússola, podemos usar outros processos de orientação mais grosseiros.

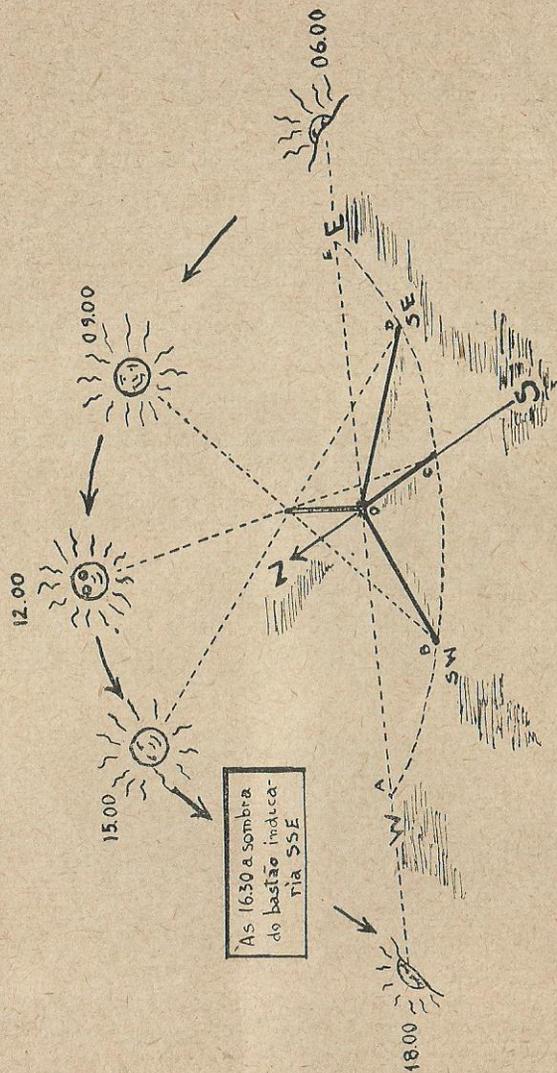
2) — **ORIENTAÇÃO PELO SOL** — O movimento de rotação da Terra em torno de seu eixo, nos dá a impressão de que o Sol executa um movimento em sentido contrário e assim dizemos que o Sol nasce



à Leste (Nascente ou Oriente) e se põe à Oeste (Poente, Ocidente). Isto já nos permite orientarmos-nos ao nascer ou pôr do Sol. Se estendermos a mão direita na direção do nascente e à esquerda na do poente, teremos o Norte à nossa frente e o Sul à retaguarda. A figura é suficientemente elucidativa.

Para um observador situado, como nós, no hemisfério sul, o Sol parece descrever um arco de círculo do lado norte do céu. Ele passa ao meio dia no meio desse arco, cruzando o meridiano, ou linha Norte-Sul do lugar onde está o observador.

Se fincarmos um bastão no sólo na vertical e admitirmos, a grosso modo, que o Sol nasce às 6 horas da manhã (06.00) e se deita às 6 horas da tarde (18.00), poderemos ainda nos orientar comparando a posição da sombra do bastão com a hora do relógio. A cada diferença de uma hora no relógio, correspondem  $15^\circ$  (15 graus) na Rosa dos Ventos.



Devido à razões que não vêm ao caso, acontece também que ao meio-dia a sombra projetada pelo bastão é a mais curta em relação a todas as demais. Se não tivermos relógio e dispuzermos de tempo, poderemos traçar no sólo uma parte do arco percorrido pela sombra da extremidade superior do bastão. O arco total está representado na figura pela linha A B C D E e a reta DC que nos der a distância mais curta do arco à base do bastão e a linha Sul-Norte. Conhecendo-se esta, facilmente traçaremos os outros rumos.

O raciocínio acima foi feito, considerando-se que estamos no hemisfério sul e que portanto o sol descreve um arco de círculo do lado norte do céu. Isto é inteiramente válido para todas as localidades situadas ao sul do Trópico de Capricórnio (aproximadamente o paralelo que passa pela cidade de S. Paulo). Para as localidades situadas ao norte do Trópico de Capricórnio ele deixa de ser válido durante certo período de tempo (durante o qual o sol está descrevendo um arco de círculo do lado sul do céu e fazendo portanto o bastão projetar sua sombra para o lado do norte).

Na latitude de 15°, aproximadamente, isto acontece nos meses de novembro, dezembro e janeiro.

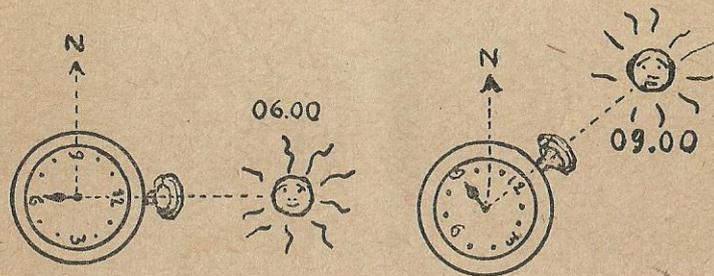
Na latitude de 5° (aproximadamente), nos meses de outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro.

Nas proximidades do Equador (hemisfério sul) em outubro, novembro, setembro, janeiro, fevereiro e março.

Nas proximidades do Equador (hemisfério norte) em abril, maio, junho, julho, agosto e setembro.

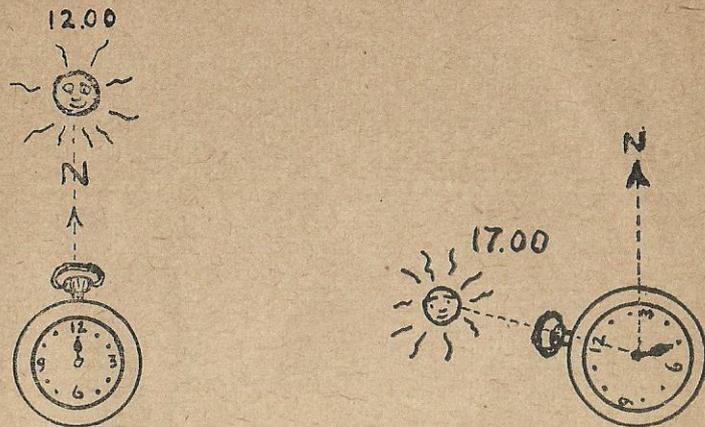
Na latitude de 5° (aproximadamente) no hemisfério norte em março, abril, maio, junho, julho, agosto e setembro.

**Relógio** — Se possuírmos um relógio poderemos utilizar seu mostrador para facilitar a orientação. O processo consiste em colocar o relógio na horizontal e fazer o brilho do sol refletir sobre a hora



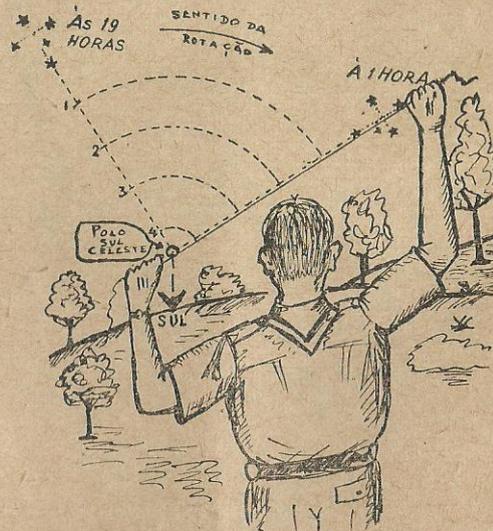
XII; em seguida observar o ângulo que essa linha forma com o ponteiro pequeno, (das horas) e traçar mentalmente a bissectriz (o meio) desse ângulo. Essa bissectriz indicará o Norte.

As várias figuras anexas exemplificam a aplicação do processo.



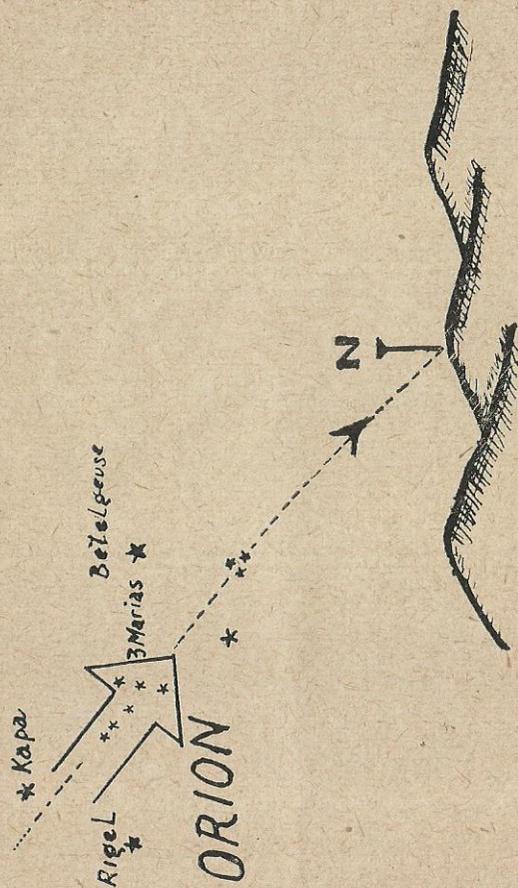
Depois de estudá-las e compreendê-las completamente, tome um relógio e procure orientar-se aplicando o processo. (1)

2) — **PELAS ESTRELAS** — A noite é possível orientarmo-nos utilizando as estrelas.



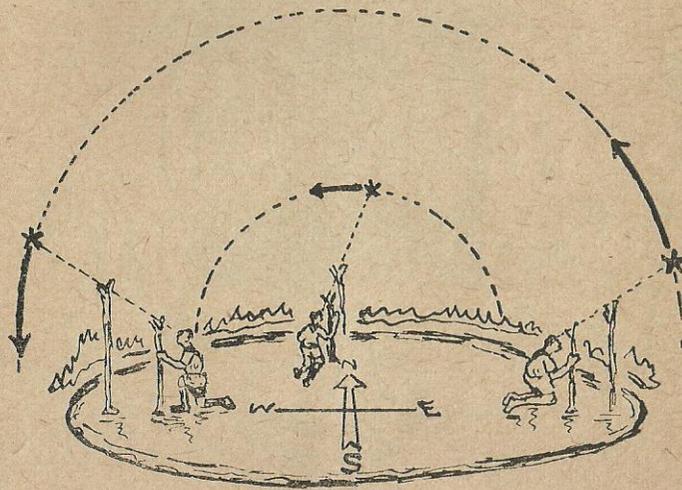
(1) Caso o sol esteja para o Sul deve-se fazer o seu brilho refletir sobre o ponteiro pequeno.

A) — **Pelo Cruzeiro do Sul** — Identifique no céu a constelação do Cruzeiro. Tome o seu eixo maior (perna maior da cruz) e imagine seu prolongamento no céu. Sobre essa linha imaginária, reproduza quatro vezes e meia o comprimento aparente do eixo maior. Você localizará deste modo um ponto no céu que corresponde exatamente ao Polo Sul da Esfera Celeste. Baixe daí uma perpendicular à linha do horizonte na terra. Esta é a direção do Sul.



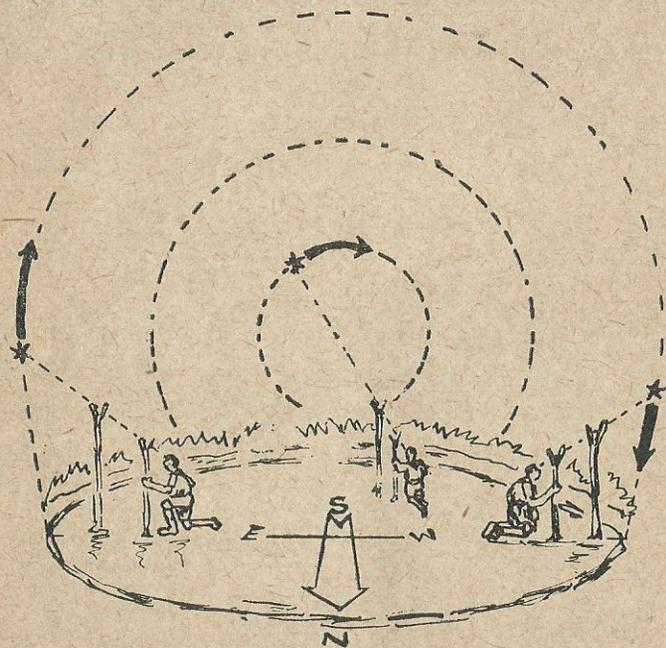
B) — **Constelação Orion** — Orion, também vulgarmente conhecida como “As Três Marias”, pode nos indicar a direção Norte. Primeiramente identifique a constelação no céu. Verifique então que as Três Marias com as outras três pequenas estrelas, constituem como se fôsse uma seta (figura). Prolongue esta seta pelo céu até a linha do horizonte; essa é a direção Norte.

C) — **Usando qualquer estrela** — Observe uma estrela utilizando dois pontos de referência, como mostra a figura. Aguarde alguns minutos e V. perceberá que ela se move. O sentido de seu movimento indicará a V. a direção para a qual V. está voltado. Se a estrela se



move para cima, Você está de frente para “E”. Se ela se desloca para baixo, V. está voltado para “W”. Se ela se move num arco para a esquerda, V. está aproximadamente voltado para o Norte e, se o movimento é para a direita, V. está de frente para o Sul.

processo exige alguma prática e observação e não é muito preciso. Entretanto, é bem satisfatório quando não é possível aplicar outro processo.



D) — **Pela Lua** — Por ocasião da Lua Nova, ou da Lua Cheia, podemos determinar, à noite, com certa precisão, a posição do Sol, embora ele não seja visível.

Se nos voltarmos de frente para a Lua, no primeiro caso o Sol está em oposição à Lua (nas nossas costas), iluminando-a. No segundo caso, ele está por trás dela, deixando obscurecida a face da Lua que

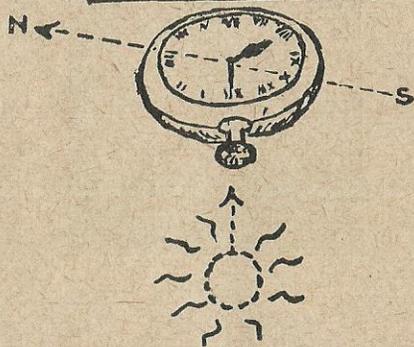
está voltada para nós. Determinada assim a posição aproximada do Sol, poderemos aplicar o processo do relógio.

Não esquecer que neste caso, durante a noite (entre as seis horas da tarde e as seis horas da manhã), o Norte estará na bissetriz do



ângulo maior (obtus), formado pela hora XII e o ponteiro pequeno (das horas). Nas figuras anexas as observações foram feitas às 8 horas da noite (20.00). (1)

(1) Para os casos do sol descrevendo o círculo do lado sul do céu, devem-se fazer as correções correspondentes, referidas nas notas anteriores.



## CAPITULO XIV

### REGRAS DE SEGURANÇA

A) — **TRÁNSITO** — A primeira parte desta prova inclui o conhecimento das regras de trânsito para veículos (automóveis ou bicicletas) e para pedestres, no lugar onde V. mora. É lógico que não podemos dá-lo aqui, pois não sabemos onde V. reside. V. terá que observar sozinho o sentido e os sinais de tráfego da cidade ou da estrada, nas proximidades de sua casa e Sede, não só no interesse de sua própria segurança, mas também em benefício da segurança coletiva, na qual V. pode vir a ser chamado a intervir.

É comum o emprêgo de Escoteiros no Serviço de Trânsito, especialmente em casos de necessidade ou de urgência, e V. deve estar preparado para isto.

O Tráfego de Veículos em todo Território Nacional, obedece ao Código Nacional das Trânsito, do qual, extraímos alguns pontos importantes, que V. não pode ignorar:

1) — **Regras Gerais de Circulação de Veículos** — O trânsito de veículos, quer nas cidades, quer nas estradas, se faz sempre pelo lado direito (mão de direção);

— A passagem de um veículo à frente do outro deve ser feita, pela esquerda, avisando previamente.

— Um veículo para dobrar uma esquina à esquerda, deverá fazê-lo pelo centro das duas ruas (da que vai sair e daquela em que vai entrar) e nunca aproximando-se das calçadas;

— Quando dois veículos se encontram num cruzamento, deverá passar primeiro, o que está à direita, em relação ao outro; excetuam-se naturalmente os casos em que há guardas de trânsito, sinaleiro luminoso, ou existe via preferencial indicada;

— Os veículos de maior velocidade têm prioridade sobre os de menor velocidade;

— Os veículos de socorros públicos e os de representação oficial, têm preferência sobre os demais;

— Em serviço de urgência têm trânsito livre os Socorros de Urgência, as Ambulâncias e a Polícia;

— Todo condutor de veículos:

“**DEVE PARAR**”: 1) para dar passagem para cortejos, préstitos, desfiles, crianças, cegos ou pessoas com defeito físico; 2) antes de atravessar uma linha férrea; 3) para dar passagem a veículos que surjam tocando sirene ou campainhas (Ambulâncias, Corpo de Bombeiros, etc).

— **Deve reduzir a velocidade**: — diante de escolas, hospitais, estações, cruzamentos (nas estradas), nas entradas das cidades, nas pontes, passagens estreitas, túneis, perto de animais, tropas militares, aglomerações e cortejos.

— **É proibido parar**: — em curvas e cruzamentos, a menos de três metros das esquinas, nos portões de entradas de veículos, dentro de túneis e sobre pontes e viadutos.

### 2) — PRINCIPAIS SINAIS DE TRÁNSITO: SINALEIROS LUMINOSOS

LUZ VERDE — Trânsito livre; pode passar.

LUZ VERMELHA — Perigo; ordem de parar.

LUZ ALARANJADA — Advertência; o sinal está sendo mudado.

3) — **PLACAS NAS CIDADES** — As principais são as seguintes:

a) — Direção a seguir — Disco branco, com moldura fina em



vermelho e seta preta no centro, indicando uma ou mais direções a seguir;

b) — Contra-Mão (Proibido transitar nêsse sentido) — Disco vermelho com uma faixa branca horizontal no centro;



c) — Tráfego proibido — Disco branco com moldura larga vermelha;



d) — No próximo cruzamento há preferência para a outra rua — Triângulo amarelo com moldura vermelha (vértice para baixo);

e) — Parada obrigatória — A mesma placa, tendo gravada a palavra "PARE";

f) — Proibido parar temporariamente — Disco amarelo com moldura larga e faixa diagonal vermelha;



g) — Proibido estacionar — Disco branco com moldura larga e faixa diagonal vermelha, com a letra "P" superposta em tinta preta;

h) — Atenção (ou Devagar) — Placa quadrada azul com um triângulo branco no centro;

l) — Permitido estacionar — Placa quadrada azul com uma letra "P" em negro dentro de um disco branco.



#### 4) — SINAIS DE ESTRADA:

Nas estradas todos os sinais são triangulares e com o vértice para cima. Tôdas as placas são amarelas (que é uma cor bem visível



à distância). As figuras anexas são suficientemente elucidativas. Existe ainda o Sinal Geral de "PERIGO", que é o triângulo branco com moldura larga vermelha tendo facultativamente ao centro uma barra vertical.

#### MARCOS QUILOMÉTRICOS

São estacas de pedra, cimento ou madeira de lei, com 80 centímetros de altura acima do sólo, colocados obrigatoriamente de 5 em 5 quilômetros à direita das estradas, a partir da cidade ou ponto inicial de contagem das distâncias. Neles são pintadas duas faixas horizontais amarelas. Na faixa superior está gravado em algarismos pretos, o número de quilômetros de distância à origem. Na faixa inferior estão gravadas as iniciais EF, EE ou EM significando, respectivamente: Estrada Federal, Estadual ou Municipal.

Podem existir facultativamente marcos semelhantes, menores e de menor altura (50 centímetros) usados de quilômetro em quilômetro. Eles só têm uma faixa amarela com o número de quilômetros gravado em preto. Procure, na primeira oportunidade, conhecê-los e interpretá-los. Existem outros sinais de estrada, permanentes ou eventuais, mas são tão claros e significativos que não necessitam explicações.

#### SINAIS DE APITO

Os Guardas de Trânsito usam o seguinte Código:

1 SILVO BREVE: — Mudança de direção de trânsito;

2 SILVOS BREVES: — Pare!

3 SILVOS BREVES: — Acenda a lanterna;

1 SILVO LONGO: — Diminua a velocidade;

1 SILVO LONGO e 1 BREVE: — Trânsito impedido em tôdas as direções (para passagem de Ambulância, Corpo de Bombeiros, etc.);

3 SILVOS LONGOS: — Todos os Motoristas à Postos!

**BICICLETAS** — Se V. tem uma bicicleta, pedalando em sua máquina, lembre-se que V. é participante de um tráfego regular e organizado.

Conserva a direita e trafegue junto ao meio fio para que automóveis e veículos mais velozes possam ultrapassá-lo pela sua esquerda, de acôrdo com a regra já acima mencionada.

Obedeça às regras e sinais de tráfego.

Não ande de bicicleta em cima das calçadas; elas são destinadas e pertencem aos pedestres.

Mantenha as duas mãos no guidão, exceto para fazer sinal ou indicação de que vai parar ou mudar de direção. Não faça acrobacias, nem exibicionismo! Não conduza ninguém no quadro e nem tome reboque segurando em caminhões ou bondes.

Tenha sempre bons os freios, mas não abuse deles. Olhe para trás, ou pelo espelho retrovisor antes de freiar ou parar!

Finalmente, não incomode os outros com a sua campainha! Poupe-a e use-a somente quando for estritamente necessário.

### PEDESTRES

O lugar de se andar a pé é a calçada, pois a rua é destinada aos veículos. Andando na calçada, conserve a mão direita, deixando a esquerda livre, seja para quem quiser ultrapassá-lo, seja para não esbarrar nos que vêm no outro sentido.

Para atravessar a rua há um "lugar", "um momento" e uma "maneira"!

O lugar é uma esquina (e não no meio do quarteirão)!

O momento é quando o guarda abre o trânsito para V., a luz do sinaleiro é favorável (verde) ou a rua está desimpedida de veículos na sua proximidade.

A maneira de fazê-lo é direta e perpendicularmente à calçada e em passo ordinário (sem correr, mas também sem andar lentamente).

Antes de atravessar a rua, pare e olhe para os dois lados.

Finalmente, evite também tomar veículos em movimento ou saltar dos mesmos fora dos pontos de parada. Dêste modo V. evita quedas e atropelamentos.

### EXCURSÕES

Marchas e excursões (em conjunto ou isoladamente), devem ser feitas pelos caminhos e campos e não pelas rodovias. As estradas são para os veículos e quando V. não puder deixar de utilizá-las para caminhar, deverá precaver-se contra atropelamentos. As seguintes regras são fruto de observação e experiência:

1) — Mantenha-se o quanto possível fora da pista e marche na mão esquerda (contra a mão de direção).

Dêste modo V. poderá ver os carros que se aproximam (e fugir deles em tempo), em vez de ser colhido de surpresa, pelas costas.

2) — De noite amarre um lenço ou pano branco na perna direita pouco abaixo do joelho. O sinal branco em movimento é facilmente iluminado e visível para um carro que venha na sua direção.

3) — Patrulhas devem sempre se deslocar em fila indiana (coluna por um), usando cada escoteiro, à noite, o lenço branco na perna.

4) — Se tiver de fazer uso de uma lanterna, não jogue o feixe luminoso sobre o veículo ou no rosto do motorista; dêste modo V. poderá ofuscá-lo. Ao contrário, vire o facho contra si próprio e ilumine-se para tornar-se bem visível ao motorista.

### PEQUENO MACHADO E FACA

Machados, machadinhas, facas e canivetes, não são "brinquedos" mas realmente "instrumentos" ou "ferramentas" de grande utilidade para um Escoteiro. Pode-se julgar um Escoteiro pelo cuidado com que trata esse material. Eis algumas regras de segurança.

1) — Sempre cubra a lâmina ou gume quando não estiver usando o instrumentos. Mantenha-o dentro da capa, estôjo ou bainha, e só o tire daí com um propósito definido, necessário e elevado (não para brincar ou danificar árvores, etc.);

2) — Nunca deixe uma lâmina em contacto ou diretamente apoiada sobre o sólo. Crave-a num tronco ou pendure-a pelo estôjo ou bainha.

3) — Verifique sempre a segurança e fixidez do cabo; não use a machadinha como martelo ou macete e nem a faca como abridor de latas;



4) — Mantenha-se firme e de face para o trabalho que está executando. Assistentes ou espectadores, devem manter-se à distância do braço distendido e "mais o machado em seu prolongamento". Dêste modo não poderão ser atingidos por êle nem por estilhaços de madeira.

Mantenha limpa e desimpedida a área em que está trabalhando. Dêste modo não haverá perigo do machado atingir outras árvores ou ramos atrás de V. ou acima de sua cabeça.

5) — Nunca use um machado quando se sentir cansado, ofegante ou descontrolado.

6) — Para conduzir um machado, mantenha o braço naturalmente distendido e segure-o com a mão próximo à parte metálica, tendo o cuidado de voltar a lâmina para o lado de fora do corpo. Andando ao lado de um companheiro, passe o machado para o lado oposto a êle.

7) — Trabalhando com faca ou canivete, em madeira, dirija a ponta ou lâmina para o lado de fora do corpo e nunca deixe a mão ou dedos na frente da lâmina.

**LENHA** — Para cortar lenha V. deve trabalhar sôbre um tronco forte e firme servindo de cepo.

Atravesse o ramo ou galho sôbre o cepo, apoiando sôbre este o ponto que V. quer atingir com a machadinha.



Para ramos mais grossos deite-os sôbre o cepo e corte em V. Nunca faça a lâmina incidir perpendicularmente sôbre a madeira.



Com um pequeno movimento de pulso faça sempre o golpe incidir segundo um ângulo de 45° de um lado ou outro, de modo a ir tirando lascas. É o péso da machadinha que executa o golpe e não a força muscular.

Para rachar a lenha no sentido de fibra ou abrir achas menores, proceda como está indicado nas figuras.



Elas são apenas elucidativas. O melhor é V. observar a maneira de agir do escoteiro experimentado, pedindo-lhe que lhe ajude a praticar.

### C O N C L U S Ã O

E assim, aqui chegamos ao fim dêste livrinho!

Ele lhe deu apenas alguma orientação e informações técnicas sôbre coisas práticas e necessárias na vida, especialmente de campo. O resto V. terá que aprender por si, "praticando"!

Pratique pois, para melhorar seus conhecimentos e habilidade. Mas também não se contente ainda com isso! Vamos aprender novas coisas! Continuemos nossa excursão pela estrada do Escotismo. Vamos ao Distintivo de 1.ª Classe.

E como encerrei o livrinho anterior, aqui repito:

**"SUCESSO, BOAS ATIVIDADES E QUE DEUS O ACOMPANHE!..."**

*fim*

## ÍNDICE

	Página
Apresentação .....	5
Dados Pessoais .....	7
Endereços Úteis .....	8
Capítulo I — Primeiros Passos .....	9
Capítulo II — Primeiros Socorros .....	13
Capítulo III — Higiene .....	17
Capítulo IV — Atadura .....	24
Capítulo V — Sinalização .....	28
Capítulo VI — Observação .....	42
Capítulo VII — Passo Escoteiro .....	45
Capítulo VIII — Fogueira .....	46
Capítulo IX — Cozinha .....	51
Capítulo X — Economia .....	53
Capítulo XI — Árvores .....	55
Capítulo XII — Rosa dos Ventos .....	81
Capítulo XIII — Orientação .....	83
Capítulo XIV — Regras de Segurança .....	94
Conclusão .....	101

PEDIDOS AO AUTOR:

AVENIDA JOÃO LUIZ ALVES, 82, APTO. 1 — URCA  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

**PREÇO: CR\$ 8,00**